Série Turisol de Metodologias

Turismo Comunitário

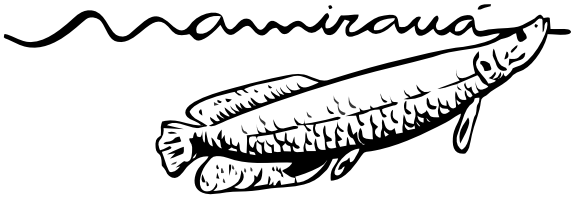
POUSADA UACARI
RESERVA MAMIRAUÁ

Ecoturismo de Base Comunitária
na Reserva de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá, estado do Amazonas.

Mamirauá

Rede TuriSol

Realização:



Parceiros Financiadores da Série Turisol*:

Ministério do Turismo

Parceiro Institucional:

Ministério da Ciência e Tecnologia

Parceiro apoiador:

*As organizações financiadoras da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário não são necessariamente parceiros financiadores de cada experiência relatada pela Série. A TAM, o Ministério do Turismo e a Fundação Kellogg financiaram a produção e redação dos livretos por meio de convênio ou termos de parceria firmados com o Projeto Bagagem.

De onde estamos vindo

Rede TuriSol

A Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário – Rede Turisol, é composta por organizações que se uniram com a missão de fortalecer o turismo comunitário no Brasil. Atualmente a rede é composta por 23 iniciativas localizadas em 10 estados do Brasil e mais de 100 municípios, e encontra-se em fase de expansão. As principais linhas de atuação da Turisol são:

1) Comercialização
2) Comunicação
3) Impactos em Políticas Públicas
4) Capacitação e intercâmbios
5) Universidade e Turismo Comunitário
6) Juventude e Turismo Comunitário

Em 2008, o Ministério do Turismo, por meio do Edital de Chamada Pública de Seleção de Projetos de Turismo de Base Comunitária, selecionou de forma inédita 50 projetos (entre mais de 500 projetos inscritos) de apoio ao turismo de base comunitária distribuídos em 19 estados brasileiros. Dentre os 50 aprovados, 5 são membros da Rede Turisol, que se inscreveram de forma articulada, viabilizando assim a implementação de um plano de trabalho da rede, executado sob a liderança do Projeto Bagagem. Este plano de ação envolveu o fortalecimento dos destinos da rede por meio da criação de produtos promocionais e estratégias de comercialização conjuntas do turismo comunitário. As principais iniciativas deste plano incluem a expansão da rede através da inclusão de novos membros, a criação de um portal da rede, um catálogo promocional, a publicação da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário e a realização de encontros regionais e de um Encontro Nacional entre os membros da rede.

A produção da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário contou com o financiamento para a redação e coordenação da TAM Linhas Aéreas, da Fundação Kellogg e do Ministério do Turismo. E com uma generosa parceria com o Museu da Pessoa, que possibilitou a realização de uma roda de histórias filmada, bem como de entrevistas de histórias de vida ou temáticas em seu estúdio em São Paulo. Assim, foram gravadas 9 entrevistas temáticas, de 5 lideranças comunitárias e 4 técnicos ou coordenadores de ONGs locais que atuam com essas comunidades, que incluíram elementos das histórias de vida de cada entrevistado, e também uma roda de histórias com 6 projetos membros da rede.

Foto: Marcos Amend

A Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário é composta por 7 volumes que registram as histórias e metodologias das seguintes experiências:

1) Projeto Saúde e Alegria (Santarém, PA)

2) Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC)

3) Pousada Uacari, Instituto Mamirauá (Tefé, AM)

4) Projeto Bagagem (São Paulo, SP)

5) Fundação Casa Grande (Nova Olinda, CE)

6) Rede Tucum (12 comunidades do litoral do Ceará)

7) Pousada Aldeia dos Lagos (Silves, AM)

Nos últimos 10 anos, estas experiências estão entre as iniciativas que mais se destacaram no Brasil, e diante de uma crescente demanda por informações sobre como iniciar e gerenciar o turismo comunitário em outras localidades, surgiu a idéia de uma sistematização que deu origem a esta Série. Com estes registros esperamos informar, compartilhar e inspirar o desenvolvimento de novas iniciativas voltadas ao turismo comunitário no Brasil e no mundo.

Boa leitura! São Paulo, 2010.

Apresentação

"O meu envolvimento começou dentro do grupo de mulheres, no Clube de Mães, plantando hortaliças para vender, e quando o ecoturismo já estava implantado e já tinha visitação de turistas, disseram que os turistas queriam levar alguma lembrança da comunidade. Mas como, que lembrança? O que é que a gente vai fazer para eles levarem, se a gente não sabe fazer nada? Se a gente tece um cestinho isso não é bonito, o que é que eles vão querer levar? Eu ficava imaginando: 'não, vamos criar alguma coisa'. Aí a primeira coisa que a gente começou a fazer foi uns tessumes, uns trançados de cipó ambé. Se é pra criar um cesto vamos criar. E começamos a fazer, partindo da nossa inteligência, sem saber o que é que era um artesanato e como ele era feito. Aí começamos a criar alguns modelos de artesanato.

E aí sempre mobilizando toda a comunidade com as mulheres. Nós tivemos muito apoio do presidente da comunidade porque os esposos não queriam deixar as mulheres estarem ali porque foi uma coisa nova que surgiu para os homens. Para nós foi novo e para eles mais ainda porque a mulher só estava lá para cuidar dos filhos, lavar a roupa e ir pra roça. Então foi um choque grande para os homens. E eu estava mais à frente junto com a presidente, formamos uma diretoria, eu era secretária do grupo de mulheres, e aí eu incentivava muito: 'vai dar certo, vamos continuar nos organizando.' E tanto eu sofria pelo lado do meu marido que não aceitava que eu vivesse dentro desse grupo organizado, como do lado dos outros maridos que me olhavam com o olho maior que eles tinham (risos).

Quando eu comecei a trabalhar com artesanato a gente recebeu várias capacitações, e esse foi um período em que eu tive que fazer uma cirurgia. E eu gostava tanto de plantar quanto do artesanato. E na época que eu fiz essa cirurgia eu não podia nem trabalhar na agricultura e nem no artesanato porque eu não podia ficar muito tempo sentada. E eu também não queria ficar muito tempo parada porque eu já estava acostumada nesse movimento de roça e artesanato e cuidar dos meus filhos. E foi nessa época que surgiu uma vaga dentro da associação do ecoturismo, a AAGEMAM, e foi aí que eu me inscrevi, fiz uma entrevista e passei e comecei a trabalhar. Quando eu comecei a trabalhar na pousada a AAGEMAM estava para ser legalizada, então eu entrei como fundadora da associação.

Mas eu não gostava do trabalho lá. O meu desejo era trabalhar na agricultura e no artesanato porque eu não queria trabalhar como empregada de outras pessoas. E aí eu fui me engajando do serviço, fui gostando, quando eu estava de folga em casa eu não conseguia mais fazer o serviço que eu fazia na agricultura e no artesanato. Então eu fui gostando do serviço e fui me apaixonando de ver todo o povo organizado, reunido, trabalhando por aquilo que era bonito que era ver o turista vir de fora e ver nós ali reunidos, comer da nossa comida, dormir na cama que a gente arrumava. Então eu fui me apaixonando por aquilo tudo e fui me engajando cada vez mais dentro da atividade. Iniciei como auxiliar de cozinha, depois eu passei a trabalhar como cozinheira fixa na cozinha, e aí eu trabalhava mais do que as outras pessoas. Aí depois eu passei a substituir a governanta nas folgas dela, e eu ficava tanto como cozinheira como responsável pela área de alimentos e bebidas. Eu sempre procurava não faltar porque eu me apeguei mesmo ao serviço.

Com a família foi um problema porque eles ficaram muito tempo sozinhos. Quando meus filhos eram pequenos eu tinha muita preocupação, eu nunca tinha saído de casa e deixado eles sozinhos. Aí eles foram crescendo. E o meu esposo também fica sozinho

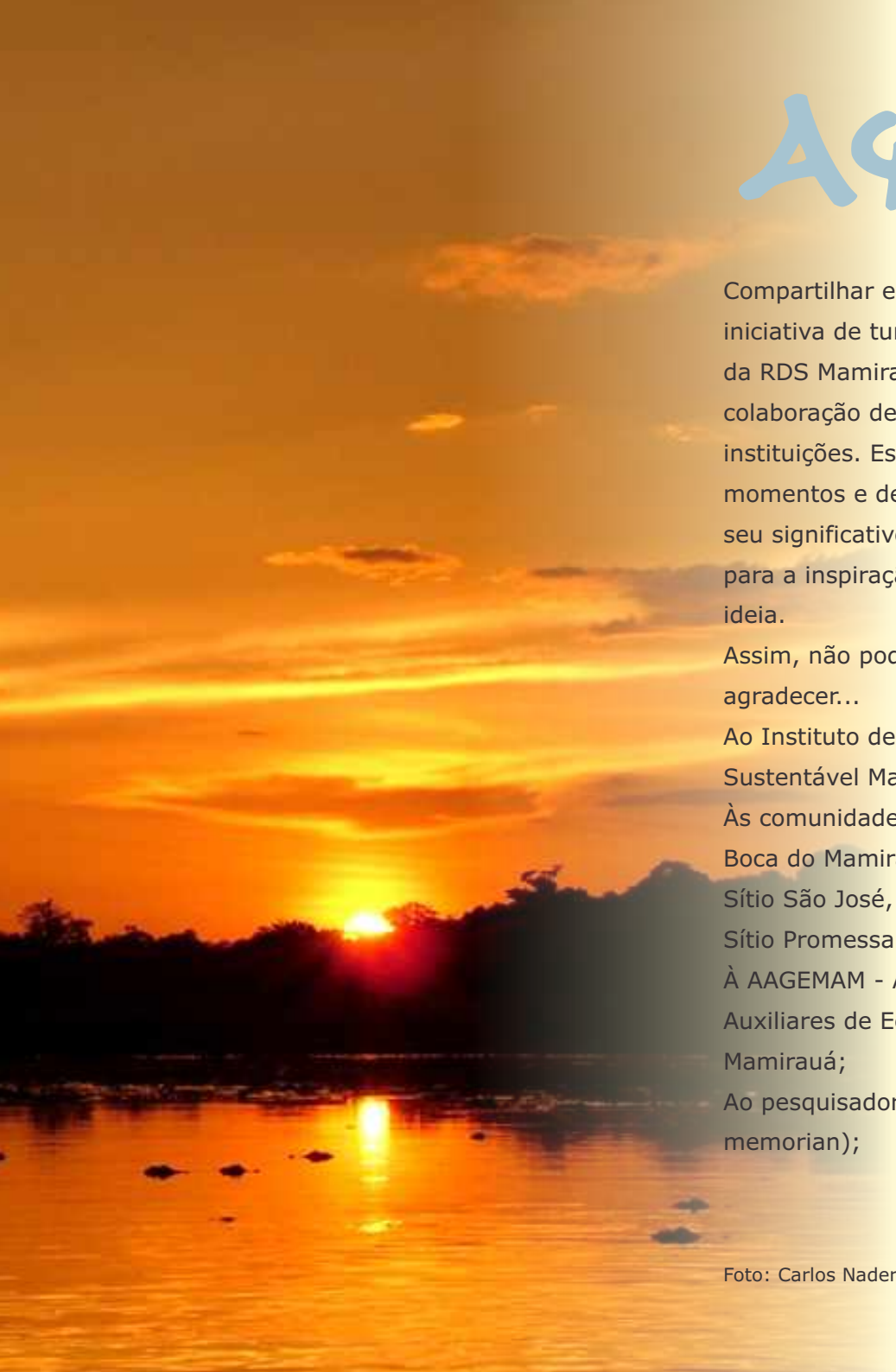
neste período. Eu enfrentei uma fase bem ruim de ele não aceitar eu sair pra fora para encontros, e o trabalho ele também não aceitava. Mas eu dizia: 'eu tenho que ir, porque de onde eu vou tirar meu dinheiro para roupa, para ajudar na família? Eu tenho que trabalhar.' E eu ia e ele ficava enciumado, enraivado mas eu enfrentei isso. E ele não era de dizer 'não, tu não vai'. Nisso acho que ele me deu força porque ele nunca dizia 'não'. Ele não gostava, ele não aceitava, mas não era aquela posição que ele dizia que não era para eu ir.

Nossa, é muito emocionante receber os turistas. De saber a gente que é comunitário, da comunidade, chegar uma pessoa de fora, de longe, de outros países, vir de tão de longe pra ver a gente, ouvir nossas histórias. A gente não fala certo, fala um português tudo ao contrário, e eles estão aqui para ver a gente. O que é que a gente é de importante? E o pessoal técnico, os pesquisadores dizem 'não gente, vocês são muito importantes pra eles, eles vêm aqui para ouvir a história de vida de vocês, o que vocês fazem, qual a alternativa econômica de vocês, a natureza, o meio ambiente, tudo isso aqui'. Então é muito emocionante ver um grupo chegando, gente tão importante, gente alta, gente baixa, gente branca, de estar ali no nosso meio, tanto na comunidade quanto na pousada. É muito emocionante pra gente ter um grupo de longe lá com a gente.

O que eu mais ganhei dessa experiência foi conhecimento. Foi todo esse conhecimento, essa experiência. Eu não tenho estudo, estudei até a quinta série, depois foi muito esforço alcançar a oitava série. E com o pouco estudo que eu tenho eu ganhei muita experiência de vida pra minha família, pra minha vida pessoal, pra organização da comunidade, pra organização do grupo, pra melhoria de vida pra cada um. Então eu ganhei muita experiência nessa mobilização, recebendo os turistas.

Trechos de depoimentos de Ednelza Martins da Silva,
Gerente da Pousada Uacari

Foto: William Quatman



Agradecimentos

Compartilhar esses 12 anos de história da iniciativa de turismo de base comunitária da RDS Mamirauá só é possível graças à colaboração de inúmeras pessoas e instituições. Estas, em distintos momentos e de variadas formas, deram o seu significativo aporte e contribuíram para a inspiração e consolidação desta ideia.

Assim, não podemos deixar de agradecer...

Ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá;

Às comunidades da Reserva Mamirauá: Boca do Mamirauá, Vila Alencar, Caburini, Sítio São José, Macedônia, Jaquiri, Tapiira, Sítio Promessa.

À AAGEMAM - Associação de Guias e Auxiliares de Ecoturismo da Reserva Mamirauá;

Ao pesquisador José Márcio Ayres (in memorian);

À Aline Da Rin;

À Ana Rita Pereira Alves;

A Helder Queiroz;

Aos pesquisadores, técnicos, funcionários, voluntários, estagiários e colaboradores externos;

Aos agentes ambientais voluntários da Reserva Mamirauá;

À Ariane Jáner;

Ao DFID (Departament for International Development);

Ao Ministério de Ciência e Tecnologia – MCT;

À Rede Turisol;

Ao Projeto Bagagem, nas pessoas de Mônica Barroso e Cecília Zanotti pelo incentivo e apoio para a publicação deste material.

Foto: Carlos Nader

Índice

De onde estamos vindo	03
Apresentação	05
Agradecimentos	07
Introdução	09
Histórico	11
Metodologia	13
Conquistas e desafios	30
Considerações finais	41
Contatos/Créditos	45

Foto: Luiz Claudio Marigo

Introdução

A atividade de ecoturismo de base comunitária vem sendo desenvolvida na RDS Mamirauá desde 1998, com os objetivos de promover a conservação dos recursos naturais e gerar benefícios socioeconômicos para as populações moradoras da Unidade de Conservação.

São oito comunidades rurais envolvidas que exercem, dependendo da estação do ano, uma variedade de atividades econômicas como a pesca, a agricultura familiar e a extração de madeira. A produção doméstica é voltada tanto para o consumo quanto para venda no mercado. Em Mamirauá, a atividade de ecoturismo não foi idealizada para substituir as atividades produtivas tradicionais, mas para ser uma fonte de renda adicional e alternativa para a população local.

As comunidades que participam da atividade são as mais próximas à pousada Uacari. Seus residentes participam da atividade de ecoturismo de várias formas: na prestação de serviços de hotelaria e condução de visitantes, no gerenciamento da Pousada, nas tomadas de decisão através da associação local, na divisão dos excedentes gerados pela atividade, no fornecimento de produtos agrícolas, na venda de artesanato e na recepção de turistas nas suas comunidades.

O ecoturista que visita a Reserva Mamirauá se hospeda na pousada Uacari e encontra uma combinação de atrativos naturais, culturais e científicos, que lhe possibilitam uma experiência rica e diversificada. A programação de atividades é composta de visitas às trilhas e lagos para observação da fauna, passeios de canoa pela floresta alagada, visita às comunidades locais para conhecer e entender o modo de vida das populações locais e visitas às estações de pesquisa, onde os visitantes podem interagir com pesquisadores locais.

Foto: Marcos Amend

A principal instituicão local parceira do Programa de Turismo de Base Comunitária é a Associação de Guias e Auxiliares de Ecoturismo do Mamirauá (AAGEMAM). A associação iniciou com cerca de 15 pessoas e hoje conta com cerca de 60 associados. A AAGEMAM tornou-se um dos principais atores na tomada de decisão sobre a gestão da Pousada e sobre a divisão dos excedentes da atividade. Além disso, a associação é a principal parceira na capacitação dos trabalhadores e na organização das comunidades.

A atividade de ecoturismo desenvolvida em Mamirauá tem forte base comunitária e boa posição no mercado e ao longo dos anos obteve sucesso em seus objetivos de conservar os recursos naturais da área natural e também oferecer uma alternativa econômica aos moradores da área. Entretanto, a atividade ainda deve vencer seus principais desafios que são implantar a gestão comunitária do empreendimento em sua totalidade, a sustentação da qualidade dos serviços e produtos, além da manutenção das atividades produtivas tradicionais para evitar a total dependência local no mercado internacional de ecoturismo.

Foto: EduCoelho

Histórico

"Por volta de 1980 o pesquisador e primatólogo José Márcio Ayres chegou na região do médio Solimões para estudar o primata Uacari, animal endêmico dessa região. Ele era um visionário e conseguiu junto aos poderes públicos a criação de uma Estação Ecológica com o objetivo de conservar a área onde vivia o macaco Uacari. A Estação Ecológica Mamirauá com 1.124.000 ha foi criada e nela havia moradores ribeirinhos. Ocorre que a categoria Estação Ecológica não permitia a permanência deles na área. Márcio então conseguiu criar uma nova categoria de unidade de conservação, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável que permite a permanência de pessoas na Unidade de Conservação. Com isto os moradores teriam participação na proteção da biodiversidade e o Márcio sabia que sem essa aliança não seria possível conservar a floresta. Para atrair os moradores e para que aceitassem esse envolvimento deveria ser oferecida a eles condição econômica de sobrevivência na área. Para isso o Márcio teve a inspiração de sugerir que a equipe do Mamirauá oferecesse programas de alternativas econômicas para melhorar a renda dos moradores. Um desses programas foi o Ecoturismo de Base Comunitária e ele se empenhou muito para conseguir financiamento para montagem da estrutura de campo do programa de Ecoturismo. Ele sonhava em ter um programa que mostrasse à sociedade os trabalhos realizados em Mamirauá pelos seus pesquisadores, as atividades que envolviam os comunitários ao mesmo tempo em que vislumbrava os comunitários se beneficiando economicamente do programa de ecoturismo. Era uma atividade nova para eles e foi um grande desafio que teve êxito, principalmente, pelo desejo de seu idealizador de criar uma fonte alternativa de renda para melhorar a vida dos habitantes locais".

Ana Rita Pereira Alves

Foto: EduCoelho

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá localiza-se no estado do Amazonas, na confluência dos rios Japurá e Solimões e protege 1.124.000 ha de florestas de várzea. A Reserva faz parte do Corredor Central da Amazônia e é um Sítio do Patrimônio Natural da Humanidade da UNESCO. Uma das características da RDS é a permanência das populações humanas, as quais participam das decisões sobre o manejo e gestão dos recursos naturais.

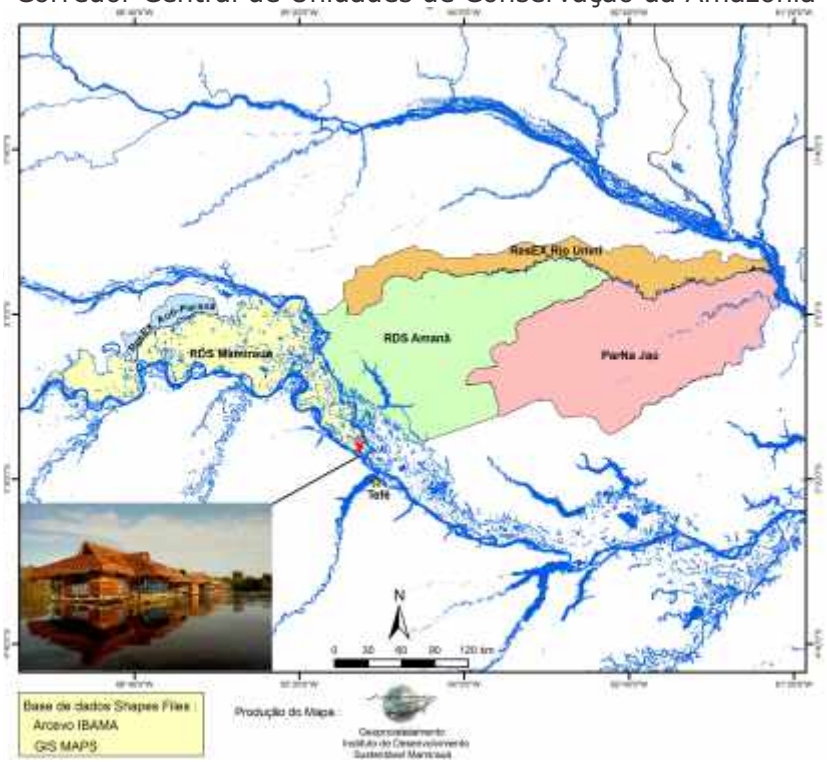
A gestão da RDS Mamirauá está sob responsabilidade do Centro Estadual de Unidades de Conservação (CEUC), órgão gestor, e do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), órgão co-gestor. O IDSM é uma organização social, sem fins lucrativos, que desde 2001 é uma das unidades de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). A instituição realiza atividades de pesquisa, organização e capacitação de produtores, assessoria à comercialização e monitoramento. Igualmente, apóia as comunidades locais em atividades de manejo de recursos naturais através dos programas de manejo de pesca, manejo florestal, artesanato, agricultura familiar e ecoturismo de base comunitária. A atividade de ecoturismo ocorre em uma zona de manejo especial de 35 km2 dentro da RDS.

Legenda	
UC's	Área(ha)
RDS Mamirauá	1.124.000
RDS Amanã	2.350.000
ParNa Jaú	2.272.000
ResEx Rio Unini	833.352
ResEx Auati-Paraná	146.950
Área Total	6.726.302

Brasil

Amazônia

Corredor Central de Unidades de Conservação da Amazônia



Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e o Corredor Central da Amazônia.

Fonte: SIG – Instituto Mamirauá

Metodologia

O caminho da construção da metodologia

Como cogestor da Reserva, a principal preocupação do Instituto Mamirauá ao implementar o projeto de turismo era criar uma atividade econômica que fosse um incentivo para a conservação da área, ou seja, que promovesse uma relação direta entre geração de renda e preservação. Além disso, a iniciativa foi idealizada para servir como um projeto demonstrativo de turismo de base comunitária na Amazônia. Outra questão, portanto, era implementar uma iniciativa de forma participativa, com baixo impacto e forte base científica. Relatamos a seguir quais foram os passos metodológicos para alcançar os objetivos propostos.

Foto: Carlos Nader

O caminho da construção da metodologia

Inicialmente, o Instituto Mamirauá realizou discussões entre os atores envolvidos – comunitários, pesquisadores e extensionistas - com a finalidade de elaborar uma estratégia de implantação do ecoturismo. Um diagnóstico preliminar demonstrou que as comunidades residentes próximas à zona de manejo especial de ecoturismo, não tinham amplo conhecimento sobre a atividade turística. Assim, foi identificada a necessidade de explicitar a estas comunidades tanto os objetivos do ecoturismo de um modo geral como seus possíveis impactos, negativos e positivos, dentro da realidade local, para que uma estratégia de implantação da atividade fosse elaborada. Inúmeras reuniões foram realizadas com as comunidades do Setor Mamirauá buscando atingir tais objetivos.

Na primeira fase (1998), a direção geral do Instituto Mamirauá e as comunidades do Setor decidiram investir em uma infra-estrutura básica de ecoturismo para que o produto fosse estudado e testado através da demanda espontânea. Esta iniciativa ofereceu aos técnicos uma idéia geral sobre os diferentes perfis dos clientes e, portanto, o segmento de mercado que o programa de ecoturismo deveria buscar. Além disso, ofereceu aos comunitários participantes, uma idéia real sobre o que seria o ecoturismo, idéia esta que foi multiplicada em outras comunidades. Pode-se dizer que o contato inicial entre turistas e população local esclareceu as intenções dos ecoturistas aos olhos dos residentes e deu experiência prática na prestação de serviços para alguns comunitários, gerou alguns benefícios econômicos, provocando maior interesse no empreendimento em outras comunidades. Esta primeira fase do programa foi essencial no sentido de identificar as potencialidades do ecoturismo como alternativa econômica rentável, experimentar o mercado e fornecer subsídios para um estudo mais minucioso buscando o financiamento do projeto.

Reunião na comunidade caburini. Ano 2000.

Estudo de Viabilidade Econômica

Antes de um maior investimento na atividade turística foi identificada a necessidade de realizar um estudo de viabilidade, analisando a possibilidade real de se desenvolver o produto - identificando atrativos, diferenciais e sua posição competitiva. Além disso, o estudo de viabilidade também teve o papel de identificar o público-alvo e o segmento de mercado onde o produto poderia ser inserido.

Em 1998, o estudo de viabilidade econômica do ecoturismo na Reserva Mamirauá foi realizado através de uma consultoria de Ariane Jáner, especialista em ecoturismo e marketing. O estudo abordou vários aspectos de demanda e oferta turística, bem como desenhou o tipo de produto a ser oferecido, de acordo com os subsídios fornecidos pelos principais atores: técnicos do programa de turismo de base comunitária, comunitários, extensionistas e pesquisadores. Este estudo de viabilidade foi desenhado também como um plano de negócios preliminar para o empreendimento.

Depois do resultado favorável do estudo, vários projetos foram enviados para fontes financiadoras com o objetivo de obter fundos para o desenvolvimento do programa. O Department for International Development (DFID), o principal financiador das atividades do Instituto Mamirauá na sua segunda fase, também concordou em apoiar o desenvolvimento do ecoturismo como uma das alternativas econômicas da Reserva Mamirauá.

Gato Maracajá - Foto: Luiz Claudio Marigo

Fase de Implantação de infraestrutura

Um dos princípios básicos de um projeto de ecoturismo é a minimização dos impactos negativos causados ao meio e sua infra-estrutura deve ser construída de acordo com este princípio. Proporcionar acomodações confortáveis e de baixo impacto ao meio-ambiente é a chave para o sucesso das instalações ecoturísticas.

As instalações devem também atender às necessidades dos clientes do segmento de mercado que se queira atingir, já que os equipamentos turísticos são responsáveis por atrair turistas para as áreas naturais remotas. O perfil do cliente em potencial deve estar claro para os empreendedores antes da elaboração do projeto, pois este perfil deve ditar o nível de conforto, o custo do empreendimento e influenciar o preço do pacote.

No caso do Mamirauá, o segmento de mercado identificado é formado por ecoturistas entre 30 a 50 anos, que estão interessados na observação da natureza e em áreas de proteção ambiental. Isto infere que o nível de conforto deve ser médio, as instalações devem ser simples e práticas e atender às expectativas dos hóspedes que buscam a integração com um ambiente natural, mas querem gozar de algum conforto.

Após a fase de planejamento, ficou clara a importância da implantação do projeto em etapas para que os empreendedores pudessem testar técnicas e materiais apropriados, adaptar o projeto ao longo de sua implantação e para que houvesse um ajuste da projeção de custos. A primeira etapa de construção da Pousada Flutuante Uacari realizou-se em 1999 com um módulo com duas suítes construído. As lições aprendidas durante a construção do primeiro módulo foram replicadas nos seguintes e toda a equipe já tinha maior experiência com fornecedores, materiais, técnicas, etc.

No ano de 2001, as unidades de hospedagem da Pousada Uacari foram finalizadas contando com 10 suítes espaçosas e confortáveis que possuem varanda, chuveiro com água quente (aquecimento solar). As suítes são teladas e cobertas com palha. O empreendimento possui um sistema de filtragem de dejetos líquidos e tem toda a energia proveniente de sistemas fotovoltaicos.

Foto maior: vista aérea da pousada Uacari.
Foto menor: construção do primeiro módulo da pousada. Ano 2001.

Ano	Reserva Mamirauá	Ecoturismo de base comunitária
1983	Márcio Ayres começa estudo de doutorado sobre o macaco uacari-branco em Mamirauá	
1986	Criação da Estação Ecológica Federal Mamirauá	
1987	Início das pesquisas científicas (projeto Mamirauá)	
1990	Estação Ecológica Mamirauá vira UC estadual	
1992	Criação da Sociedade Civil Mamirauá	
1993	Estação Ecológica Mamirauá é declarada Sitio Ramsar	
1996	Criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá. Publicação do Plano de Manejo da RSDM.	Ecoturismo é proposto como uma das alternativas econômicas para as comunidades locais
1998	Criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã	Estudo de viabilidade; Utilização de flutuante de pesquisa para acomodação de visitantes (demanda espontânea).
1999	Criação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM)	Soft opening (fase de teste); Construção da primeira unidade da Pousada Uacari (2 suítes); Plano de marketing
2000	A categoria de RDS é incorporada ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). RDSs Mamirauá e Amanã integram a Reserva da Biosfera da Amazônia Central (UNESCO)	Soft opening (fase de teste)
2001	RDSs Mamirauá e Amanã integram o Sítio Natural do Patrimônio Mundial (UNESCO)	Finalização das unidades de hospedagem (+ 8 suítes); Criação da AAGEMAM.
2002	José Marcio Ayres ganha o prêmio Rolex.	Menção de destaque no guia de viagens Lonely Planet
2003		Melhor destino de ecoturismo do mundo pela revista Conde Nast Traveler; Prêmio de Turismo Sustentável pela Smithsonian.
2004	Sociedade Civil Mamirauá ganha o prêmio UNDP Equator Prize. Inauguração do campus do Instituto Mamirauá em Tefé.	Comunitário assume a gerência da pousada Uacari.
2006		Nova unidade central da Pousada concluída; Aeroporto de Tefé fecha entre Julho e Setembro e entre dezembro e abril de 2007.
2008	Expansão da infra-estrutura do campus do Instituto Mamirauá	Início dos estudos de viabilidade turística na Reserva Amanã.

Resumo do histórico de implantação da atividade de ecoturismo

"A partir da criação da AAGEMAM (Associação de Guias e Auxiliares de Ecoturismo do Mamirauá) - que tinha a idéia de organizar aquelas quatro comunidades que inicialmente estavam interessadas em trabalhar com turismo, reunir estes prestadores de serviços, criando um espaço em que eles pudessem estar fortalecidos, associados, organizados - foi criado um sistema de rodízio de trabalho. Por quê? Era um número grande de pessoas que estavam associadas à AAGEMAM e a atividade poderia ser benéfica a todas elas. Então foi criado um sistema para que eles trabalhassem por períodos determinados na pousada – em média 8 dias por mês – e fossem rotando. Dessa forma, eles trabalhavam e retornavam às suas comunidades para desempenhar as atividades tradicionais. Porque a idéia ali é que o ecoturismo não tire essas pessoas das atividades tradicionais. Que eles continuem trabalhando com agricultura familiar, com a pesca, com o artesanato, manejo florestal. Que eles continuem com suas atividades econômicas, que não as deixem por causa do turismo. Pra isso foi estabelecido esse rodízio. Foi um sistema bem inovador porque ele ajuda a distribuir os benefícios econômicos para um número maior de famílias. E também serve como uma estratégia para tentar minimizar impacto social. Se conseguirmos fazer com que essas pessoas rotem, conseguimos preservar mais suas atividades tradicionais e fazer com que eles não se tornem dependentes da atividade do ecoturismo. Existe uma grande preocupação em relação a isso porque turismo é uma atividade oscilante, muito sujeita a riscos e a externalidades."

Rodrigo Ozorio

Promoção da organização e participação comunitária

Em um contexto de Unidade de Conservação de uso sustentável, o órgão gestor da área protegida deve estar sempre envolvido no desenvolvimento do ecoturismo para garantir a sustentabilidade ambiental, econômica e social da atividade. Além disso, as comunidades devem estar envolvidas em toda as fases do processo para que a atividade seja por elas apropriada.

O programa de Turismo de Base Comunitária tem como sua principal instituição local parceira a Associação de Auxiliares e Guias de Ecoturismo de Mamirauá (AAGEMAM). O processo de criação desta associação foi iniciado em setembro de 1999 e durante os três primeiros anos, os associados discutiram quais seriam os principais objetivos da associação, elaboraram seu estatuto e formalizaram sua organização.

A AAGEMAM iniciou com cerca de 15 pessoas e hoje conta com cerca de 60 associados. Ao envolver a associação como principal parceiro, busca-se fortaler a organização comunitária e sua participação nas decisões referentes ao ecoturismo. Além disso, a associação é a principal parceira na capacitação dos trabalhadores.

Curso para integrantes da AAGEMAM. Ano 2002. Formação e aprimoramento de cozinheiras (os) e camareiras.

Capacitação Comunitária

Um dos principais objetivos de qualquer programa de turismo de base comunitária é promover a capacitação comunitária, através de treinamentos e experiência prática. Além disso, o treinamento deve levar em conta a realidade local, isto é, deve ser planejado e aplicado com linguagem e metodologia adequadas.

Em Mamirauá, desde o início do projeto foram realizados treinamentos para cerca de cem comunitários. Dentre eles, cursos de interpretação ambiental, condução de roteiros, primeiros socorros, alimentos e bebidas, governança, computação, gerenciamento, entre outros.

No início, os treinamentos introduziram conceitos gerais sobre turismo, ecoturismo, hospitalidade, etc. Ao longo do tempo, os cursos visavam o aperfeiçoamento técnico do pessoal local de acordo com as principais dificuldades diagnosticadas.

Além de um aperfeiçoamento da prestação de serviços, os cursos podem servir como uma ferramenta de empoderamento pessoal, possibilitando a autovalorização da mão-de-obra local. Entretanto, é necessário ressaltar que esta capacitação faz parte de um processo contínuo de treinamento, avaliações, experiência prática e que existem várias dificuldades durante o processo. A dificuldade principal é a linguagem, que nem sempre é apropriada, e a falta de material didático adequado, já que parte dos trabalhadores é analfabeta ou semi-analfabeta. Por isso, os cursos devem ser simples e devem ser utilizadas técnicas participativas para que haja o máximo de aproveitamento.

"Foi um processo de capacitação gradual. À medida que eles iam adquirindo envolvimento e experiência com a atividade do turismo as capacitações iam ganhando mais complexidade. Aos poucos iam se envolvendo em temas mais complexos e ainda estão neste processo. Hoje em dia a operação de campo da pousada é administrada pelas comunidades e o Instituto Mamirauá auxilia na comercialização e administração financeira, pois eles ainda estão na etapa de capacitação para isso."

Rodrigo Ozorio

Foto: EduCoelho

O Produto

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá é a maior área protegida de várzea na Amazônia brasileira. Seus limites protegem um ecossistema rico que inclui espécies endêmicas (algumas ameaçadas de extinção) e impressionante riqueza de fauna. Para os padrões da Amazônia brasileira, para áreas de "fácil" acesso e relativamente perto de um centro urbano, Mamirauá é um dos melhores lugares para avistar a fauna amazônica. Especialmente, porque espécies raras em outras partes da Amazônia, podem ser encontradas em muito maior densidade em Mamirauá.

Em essência, o principal elemento do produto ecoturístico em Mamirauá é a facilidade de observar fauna, inclusive espécies "carismáticas", como o uacari-branco, o jacaré-açu, o pirarucu e o boto-cor-de rosa, em paisagens deslumbrantes na verdadeira Amazônia. O fato de a zona de manejo de ecoturismo estar circundada por uma área de preservação total, contribui siginificativamente para estes bons resultados de avistamento de fauna.

Outro elemento do produto desenvolvido é a possibilidade de interação com as pesquisas realizadas na área da Reserva e a possibilidade de acesso a informações sobre o ecossistema. Já que o ecoturismo tem um foco no aprendizado e na descoberta da natureza e das manifestações culturais de um determinado local, estes fatores servem como atrativo e proveem o produto de uma diferenciação no mercado em que se encontra.

As informações sobre as pesquisas realizadas em Mamirauá e seus resultados são divulgadas entre os visitantes, agregando valor à experiência ecoturística. Tal disseminação é feita através de apresentações ou conversas informais com o guia naturalista; através de folhetos e painéis explicativos sobre os trabalhos; e ainda através de palestras e contato com pesquisadores.

Desde o ano de 2004, uma parceria foi fechada entre a Pousada Uacari e projetos de pesquisa que atuam na área de manejo especial de ecoturismo. Dentre eles, pesquisa com botos, onças, primatas e peixes ornamentais. A parceria permite aos turistas terem em seu pacote a possibilidade de interação com os pesquisadores, e assim obterem informações sobre seus respectivos trabalhos. Os projetos recebem uma taxa por visitante atendido, a qual se destina ao custeio de gastos operacionais da pesquisa. Ademais, os pesquisadores têm

Foto: EduCoelho

uma boa oportunidade de divulgar suas ações a um público com alto potencial de disseminação.

A participação comunitária na atividade de ecoturismo é também um importante elemento do produto. O ecoturista tradicionalmente procura destinos que gerem benefícios para as comunidades locais, e não hesitam em pagar um pouco mais por um produto cujos retornos sejam revertidos diretamente para a população local. A participação comunitária deve ser promovida e divulgada, já que é um elemento que proporciona uma diferenciação em relação a outros produtos oferecidos no mercado brasileiro.

O ecoturismo em Mamirauá promove a valorização da identidade cultural da população ribeirinha através de algumas ações direcionadas a promover um maior intercâmbio e integração entre as populações locais e os visitantes através das visitas de turistas às comunidades. A população local se mostrou interessada em recepcionar os visitantes dentro das comunidades entendendo que poderia receber benefícios econômicos diretos.

A visita à comunidade, se feita de maneira estruturada e com o acompanhamento das pessoas responsáveis, pode resultar em benefícios tanto econômicos quanto sócioculturais. Em Mamirauá, as visitas às comunidades foram elaboradas utilizando metodologias participativas em reuniões que tinham como objetivo: identificar as atrações existentes em cada comunidade, segundo sua própria visão de atratividade e estabelecer regras de conduta para os turistas durante estas visitas. As quatro comunidades que atualmente recebem visitas de ecoturistas desenvolveram calendários anuais das atividades tradicionais que seriam atrações turísticas, como a colheita da mandioca, fabricação da farinha, as festas dos padroeiros, etc. Além disso, com o objetivo de obter certo de grau de controle sobre a visita e minimizar seus impactos negativos, as comunidades escolheram pessoas que seriam responsáveis, decidindo o que mostrar, como mostrar suas atrações e também orientando a conduta do turista dentro da comunidade.

A princípio os condutores das visitas não participaram de cursos de capacitação e realizavam o trabalho de forma voluntária. Entretanto, ao longo dos anos, e a partir dos resultados do sistema de avaliação, viu-se a necessidade de formalizar a condução da visita através de capacitação e remuneração. Tal fato resultou na melhoria da qualidade das visitas segundo a percepção tanto dos visitantes quanto dos visitados.

O produto ecoturístico em Mamirauá tem um forte componente educativo, uma vez que a iniciativa permite a interação entre visitantes, comunidades e pesquisadores. O visitante que chega em Mamirauá conhece os trabalhos de conservação, dialoga com os atores locais e se sente partícipe dos esforços de conservação. Conhecer a pousada Uacari na Reserva Mamirauá não consiste em uma simples visita turística à Amazônia, mas sim uma participação no desafio de conservar o bioma e melhorar a qualidade de vida das populações que nele habitam.

Foto: EduCoelho

Desenvolvimento do produto e estratégia de marketing

Para competir no mercado, novos produtos devem ter uma estratégia de marketing bem planejada para atingir um segmento específico. A estratégia de marketing deve compreender diversos fatores como: desenvolvimento do produto e de sua imagem, divulgação, preço, canais de distribuição, vendas, etc. Em seus passos iniciais, os objetivos principais desta estratégia são por um lado, entender o mercado, entender o lugar, as preferências do cliente, as oportunidades disponíveis e o empreendimento como um todo, seus potenciais benefícios e impactos; por outro, entender que tipo de experiências e produtos os turistas buscam para ajustar aspectos específicos do destino turístico para atender ao perfil apropriado de turista. No caso do ecoturismo, é necessário ter informações sobre o ambiente natural e entender as inter-relações entre turistas e comunidades envolvidas e entre os turistas e o meio-ambiente. Desta forma, grande parte do trabalho desenvolvido na área de marketing tem como objetivo conhecer as atrações e desenvolvê-las, assim como conhecer o mercado e selecionar um segmento onde inserir seu produto. Em Mamirauá, as atividades de marketing foram desenvolvidas tentando responder as seguintes perguntas: quais são os elementos principais do produto ecoturístico em Mamirauá? Qual é o perfil do cliente que se deve atingir? Como este produto deve ser vendido para este segmento de mercado?

O marketing do ecoturismo deve obedecer aos mesmos critérios da publicidade convencional para obter resultados eficazes. O dito marketing mix (produto, preço e praça) deve ser considerado na estratégia. Mamirauá não pode ter um preço muito alto para não perder a competitividade de outros destinos na Amazônia. Para estabelecer o preço dos pacotes, devem ser considerados: competição, taxa de ocupação alvo de 40% a 50%, retorno adequado e simplicidade.

A promoção em si é um fator de elevado custo em qualquer empreendimento, portanto, unidades de conservação que buscam o ecoturismo como alternativa econômica devem aproveitar os contatos já estabelecidos e as oportunidades de

Menino pescando -Foto: Marcos Amend

divulgação na mídia dando apoio logístico e convidando estes profissionais para conhecer a área. O material de promoção a ser desenvolvido; informativos, folder, vídeos devem ser simples. Feiras de Turismo também devem ser consideradas como canal de venda em potencial. Além disso, o produto deve ser divulgado com cautela e as operadoras devem ser selecionadas com cuidado, objetivando atrair a fatia de mercado adequada. Também é importante reavaliar os canais de venda anualmente para estabelecer comissão adequada de acordo com retorno.

Um dos pontos mais importantes para o sucesso do empreendimento é a manutenção de um fluxo adequado de clientes ao longo do ano para que os custos fixos da operação possam ser diluídos. Portanto, o setor de vendas deve ser ocupado por um profissional que conheça bem o produto e se empenhe em captar a clientela adequada e não levantar falsas expectativas. Outrossim, a garantia de um pronto atendimento é essencial para efetuar as vendas: um profissional disponível para atender telefone e responder e-mails de forma rápida.

"Temos parcerias com várias agências. Algumas parcerias já de longa data, desde o início do projeto, principalmente com agências nacionais. Por volta de 10 a 15 agências são fiéis, estão sempre mandando visitantes pra gente. Temos algumas parcerias importantes com agências internacionais também. A comercialização é feita através de um escritório baseado na cidade de Tefé, com uma pessoa que é gerente de marketing e vendas que faz essa ponte com as operadoras. Atualmente, recebemos um pouco mais da metade dos turistas através de agências."

Rodrigo Ozório

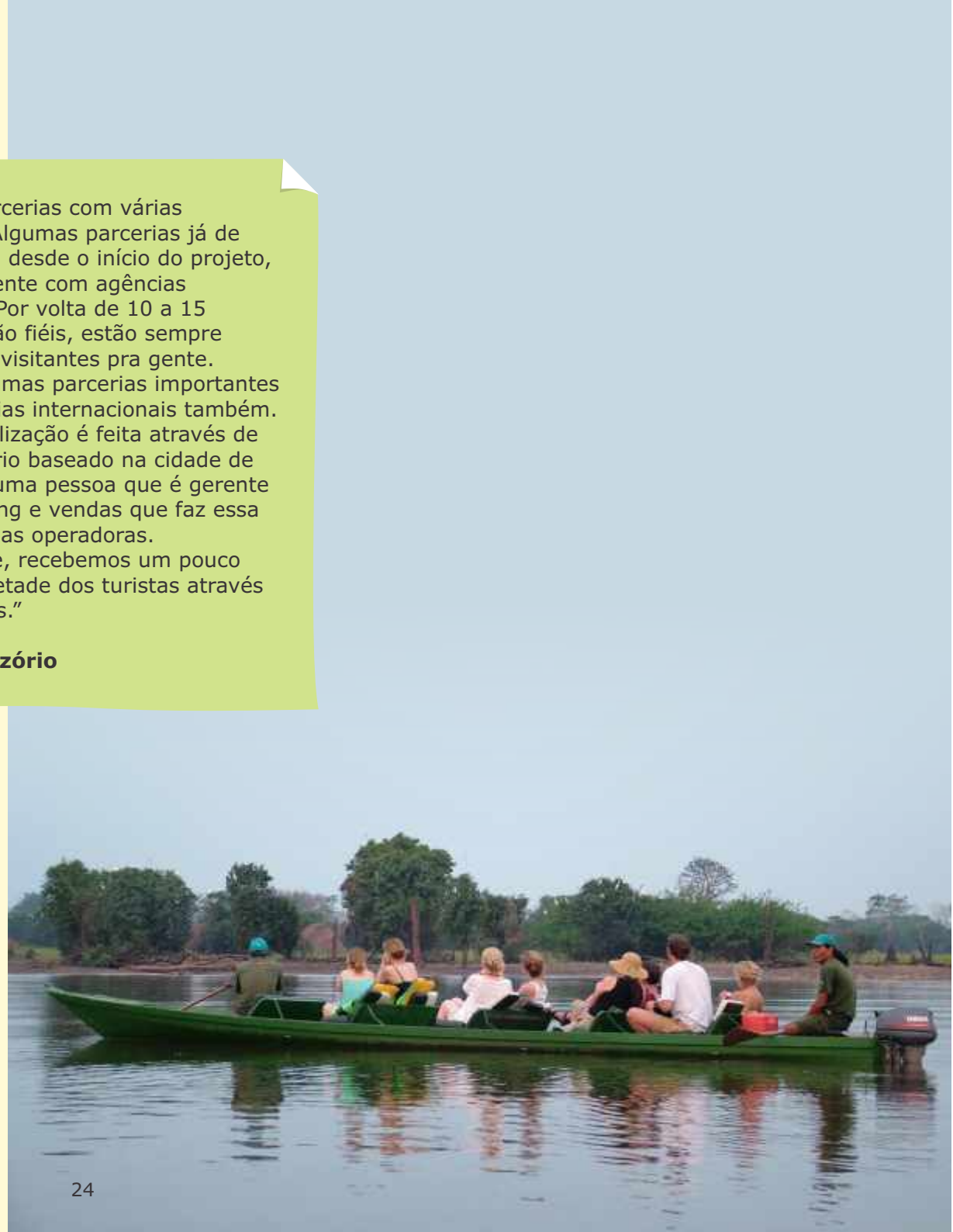


Foto: William Quatman

Manejo e gestão da operação de ecoturismo

O sucesso da operação de ecoturismo depende não apenas de um bom planejamento, mas também de sistemas de gerenciamento que sejam adaptados à realidade local. O gerenciamento de um projeto de ecoturismo em unidade de conservação deve visar a sustentabilidade econômica, ambiental e social da atividade.

O plano de negócios preliminar deve ser seguido e seus resultados monitorados para que a atividade gere os esperados benefícios econômicos. O controle financeiro deve ser feito de modo convencional, buscando minimizar os custos e aumentar a receita do empreendimento sem comprometer a qualidade do produto e a integridade da área natural. Uma estratégia de maximização de receitas deve envolver a elevação dos gastos dos turistas no local, respeitando a capacidade de suporte da área.

As principais atividades e ações desenvolvidas na operação ecoturística são: contabilidade, gerenciamento e treinamento de recursos humanos, vendas, marketing, compra e controle de estoques, manutenção, monitoramento da qualidade dos serviços, monitoramento ambiental e sistema de avaliação participativa. Serão tratadas aqui as estratégias de controle da qualidade dos serviços.

"O sistema de manejo do turismo em Mamirauá é formado por três atores. Um é a AAGEMAM, que é a associação que representa todos os prestadores de serviços das comunidades. Outro é a Pousada Uacari, que é o palco das atividades de turismo de base comunitária e que tem a gerência de campo sob responsabilidade dos comunitários. E o terceiro é o Instituto Mamirauá, que é quem dá assessoria técnica à iniciativa e atualmente auxilia na comercialização e administração financeira do empreendimento. O grande objetivo é transferir em um momento a gestão integralmente – tanto a parte de comercialização quanto de administração financeira."

Rodrigo Ozorio

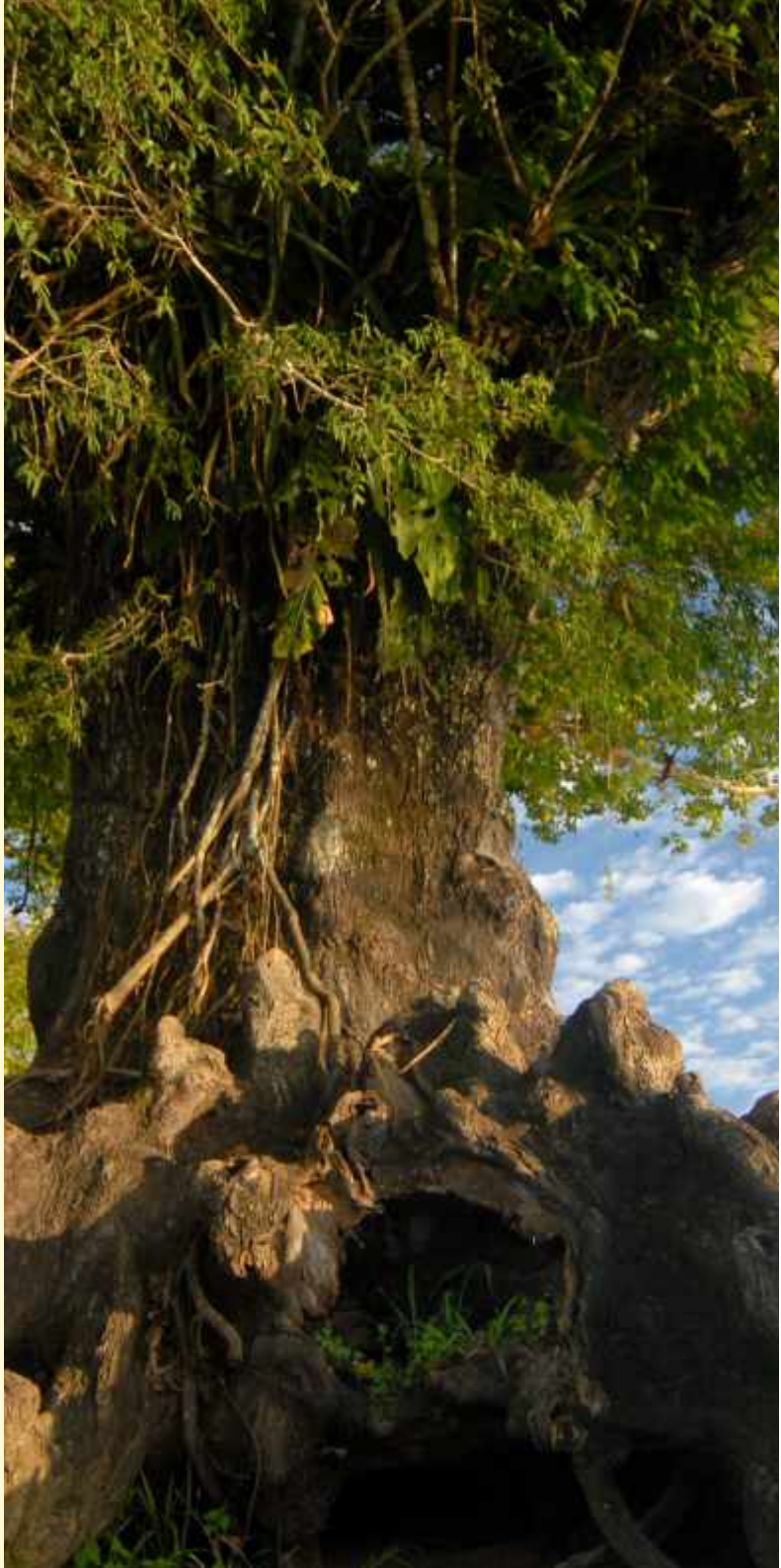


Foto: EduCoelho

Sistemas de monitoramento da qualidade dos serviços

A alta biodiversidade ou a facilidade de avistamento de fauna podem ser as principais atrações da área natural, mas o produto turístico é o conjunto de bens e serviços de um determinado destino. Portanto, como no caso do turismo convencional, o sucesso do ecoturismo também depende da oferta de serviços e do desempenho dos recursos humanos do local.

Reconhecendo a importância da oferta de serviços, o monitoramento da qualidade é elemento essencial no gerenciamento da operação. O programa de turismo de base comunitária da Reserva Mamirauá desenvolve este monitoramento de duas formas diferentes. Em primeiro lugar a avaliação é feita pelo próprio cliente, que preenche uma ficha de avaliação de serviços ao final de sua visita.

Dentre os principais indicadores utilizados para medir a qualidade dos serviços, estão: alimentação, atividades, guias, hospedagem, nível de informação, observação de vida selvagem e avaliação geral da visita. As figuras 1 e 2 trazem as médias das avaliações dos visitantes ao longo dos anos. Estas médias podem variar de 1 a 5, onde: 1 é ruim; 2 é regular; 3 é bom; 4 muito bom e 5 excelente. Este monitoramento é uma ferramenta essencial, pois determina o nível de satisfação dos clientes e aponta onde estão as principais deficiências. Estas informações devem servir de subsídios no planejamento de ações visando à manutenção da qualidade dos serviços, tais como: cursos de capacitação, novas formas de incentivo ao melhor desempenho, novos procedimentos gerenciais, entre outros. A figura 1, por exemplo, indica menor satisfação em relação ao quesito informação nos primeiros anos da atividade o que levou à reavaliação da programação que passou a incluir: palestras com pesquisadores, palestras sobre os trabalhos desenvolvidos na reserva e trilha interpretativa.

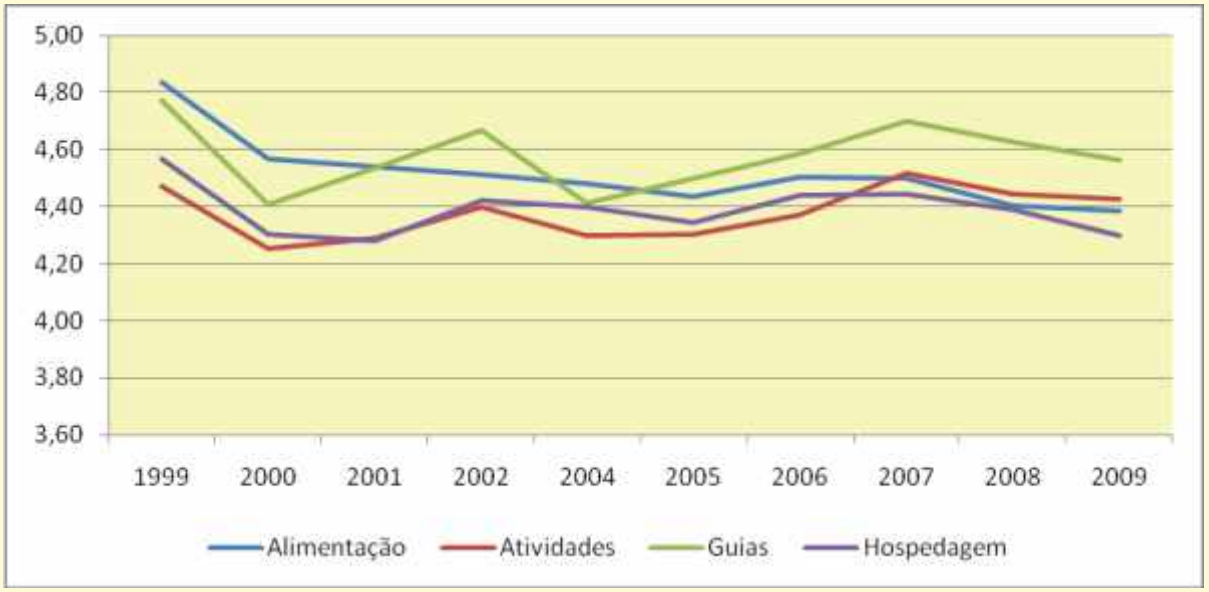


Figura 1 - Nível de satisfação dos visitantes

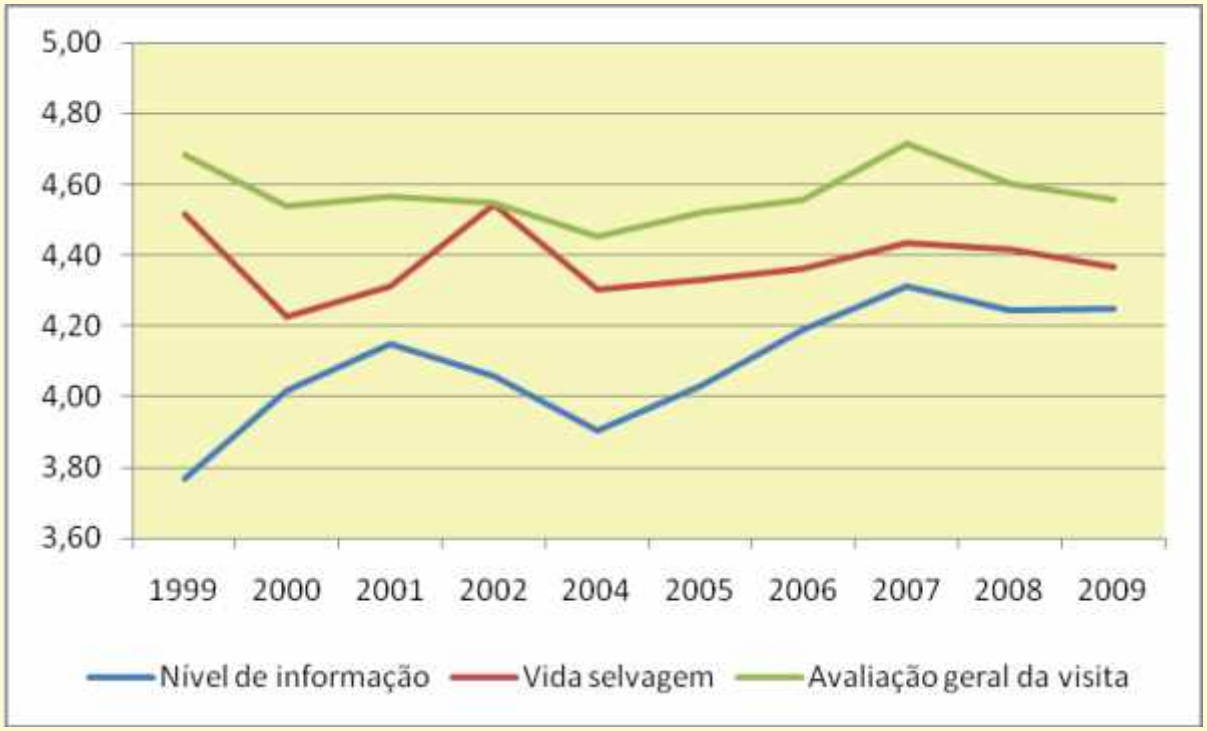


Figura 2 - Nível de satisfação dos visitantes

Foto: Alyson Melo

Uma segunda técnica de avaliação é utilizada no dia-a-dia da operação turística. Nesta avaliação os funcionários da Pousada se reúnem ao final da estadia de cada grupo de turistas e analisam seu desempenho de acordo com critérios pré-estabelecidos para cada setor de atendimento. Por exemplo, no caso dos condutores locais são avaliados a pontualidade, uso adequado do material, uso do uniforme, avaliação do próprio turista, etc. No caso do setor de hospedagem e alimentos e bebidas são avaliados os níveis de desperdícios, a limpeza, a avaliação do turista, etc. Este método de avaliação busca incentivar o grupo a trabalhar em equipe, um ajudando ao outro a cumprir suas tarefas para que no final todos possam ser recompensados.

As comunidades do Setor recebem também os resultados das avaliações dos turistas semestralmente, bem como informações sobre a movimentação financeira da operação. Estas reuniões devem principalmente criar subsídios para um melhor planejamento das atividades.

Monitoramento de impactos

Apesar de ser visto como uma ferramenta para a conservação dos recursos naturais e desenvolvimento das populações envolvidas, o ecoturismo pode causar impactos negativos, tanto ambientais quanto sociais. Os impactos da atividade estarão relacionados não apenas com o fluxo total de turistas a uma determinada área, mas também com a sua conduta em relação ao ambiente natural e social. Um programa de ecoturismo em uma unidade de conservação deve levar em conta a minimização de impactos da atividade turística sobre o ecossistema. Deve ser estabelecido, portanto, um sistema de manejo de visitantes com uma série de ações visando a minimização dos impactos causados pela atividade. Ecoturistas devem ser informados sobre as normas de manejo de ecoturismo antes e ao chegarem à área. Os guias locais, bilíngües e demais funcionários devem ser treinados para orientar e informar visitantes sobre a conduta apropriada nas diversas atividades da visita, como trilhas, lagos, comunidades e, finalmente, material informativo relacionado a cada tipo de atividade deve ser distribuído.

Energia	Eletricidade proveniente de painéis solares. Água quente nas unidades de hospedagem através de aquecimento solar.
Água	A água utilizada para banho é captada do lago, a da cozinha é filtrada e a água de beber é mineral. Água da chuva também é captada.
Esgoto	Banheiros com filtros de efluentes líquidos foram instalados. No momento estamos testando a eficiência do sistema com diferentes tipos de materiais filtrantes, tais como: brita, restos de material de construção e "taboca".
Lixo orgânico	Separado e transformado em composto.
Lixo inorgânico	Separado e levado de volta a Tefé.
Visita à comunidade	A visita à comunidade não é permitida sem aviso ou sem as presenças do representante escolhido pela comunidade e do guia naturalista; durante tais visitas, os ecoturistas não devem entrar nas residências, fotografar ou filmar sem a permissão do morador local; e para não incentivarem a coleta de animais selvagens da floresta, não é permitido fotografá-los nas comunidades.

Medidas adotadas para minimização de impactos ambientais.

O sistema de redução de impactos deve promover o monitoramento contínuo da atividade turística. Os indicadores selecionados para monitorar os impactos do ecoturismo foram a abundância de fauna nas trilhas e a qualidade da água. Como não há muitas experiências concretas de monitoramento do impacto turístico na fauna Amazônica, principalmente em áreas alagáveis, foi necessário desenvolver metodologias de monitoramento ambiental com a contribuição dos pesquisadores que atuam na área.

No monitoramento de fauna em trilhas, cinco espécies de primatas e duas de aves foram identificadas como espécies indicadoras e têm suas abundâncias avaliadas duas vezes ao ano (seca e cheia). Estes dados devem indicar se a freqüência de visitação nas trilhas está interferindo na abundância dos animais normalmente avistados. Segundo Pereira (2009) até o momento não há diferença entre as trilhas utilizadas pelos turistas e as que não recebem visitação. Isso confirma a importância do planejamento da operação de ecoturismo e do respeito aos limites de capacidade de carga previamente estabelecidos.

Por outro lado, como é de conhecimento comum, os impactos ambientais da atividade de ecoturismo em área naturais nunca são nulos. No Mamirauá, o estudo da biologia e ecologia do boto-vermelho (Inia geofrensis) demonstra uma mudança no comportamento do mamífero (Vera da Silva, comunicação pessoal), que deixou de utilizar a área onde se encontra a Pousada para seu descanso e mudou-se para uma área cerca de 250 metros rio abaixo.

Foto: Foto: Luiz Claudio Marigo

Conquistas e Desafios

Conquistas

Podemos dizer que o programa de ecoturismo obteve sucesso em atingir os objetivos inicialmente propostos de promover a conservação da área através da criação de uma atividade econômica sustentável para as populações locais. Listamos abaixo os principais benefícios obtidos através do programa de ecoturismo de base local.

A idéia que o ecoturismo pode promover a conservação, mostrando às comunidades locais a importância da área natural para a geração de renda através desta atividade econômica, é bem difundida. Em Mamirauá, os benefícios econômicos gerados ao longo de sua implantação foram significativos o bastante para demonstrar a importância da conservação do local. Existem outras mudanças que não podem ser consideradas como decorrência direta do ecoturismo, mas o mesmo contribuiu fortemente para elas, como por exemplo, a diminuição das invasões (devido ao aumento da presença e da vigilância). Tais impactos positivos podem ser exemplificados pelo aumento das populações de predadores, como os jacarés, e das populações de recursos economicamente importantes como o tambaqui e o pirarucu. Embora não se tenha estabelecido uma relação causal direta, pode-se deduzir que o conjunto de ações conservacionistas como a fiscalização, a educação ambiental e a implantação de uma alternativa ao uso insustentável destes recursos naturais, neste caso o ecoturismo, pode ter provocado a diminuição da pressão sobre os recursos.

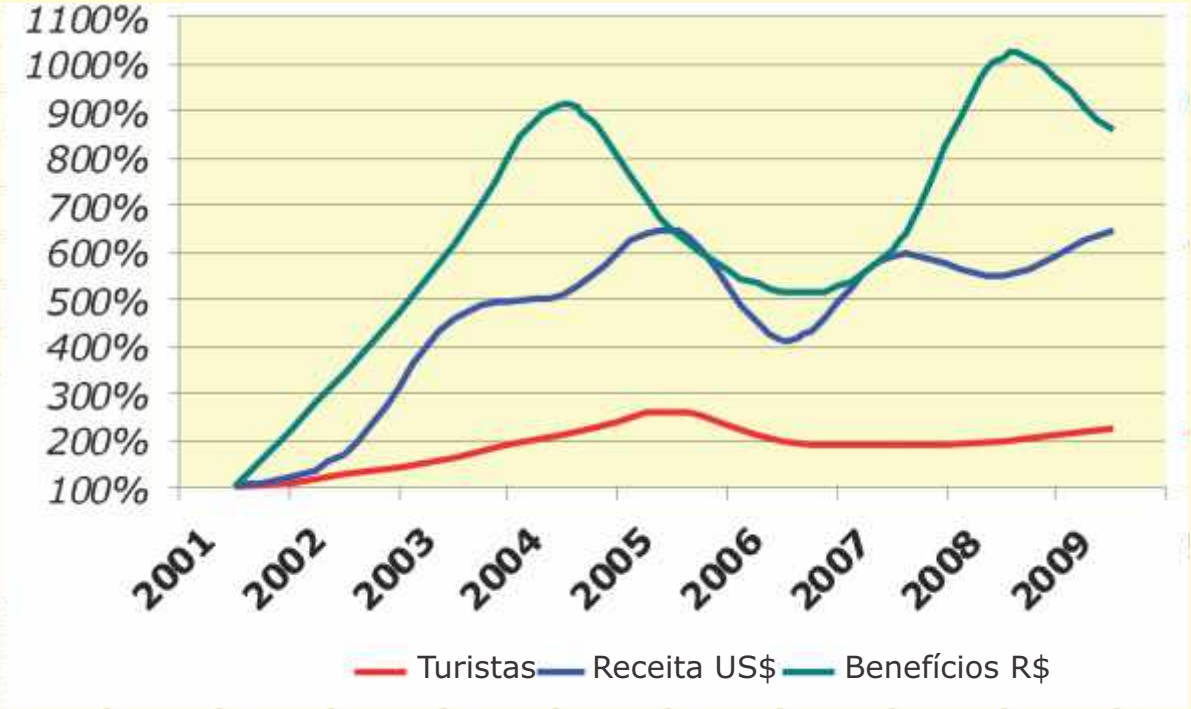
Benefícios econômicos diretos, gerados em curto prazo (como a renda através da prestação de serviços e venda de produtos agrícolas e artesanato) são oportunidades para fixar a receita advinda da atividade. A promoção da associação entre a operação turística e outras atividades econômicas do local é essencial no sentido de manter as atividades tradicionais e distribuir benefícios econômicos. As duas atividades que mostram mais sinergia com o ecoturismo são a produção e venda de artesanato e o fornecimento de alimentos (produtos agrícolas e peixes).

Os benefícios econômicos diretos são gerados através da prestação de serviços (90%) e venda de produtos (10%). O gráfico abaixo mostra a evolução do número de turistas, da receita da pousada Uacari e dos benefícios

Foto: Rodrigo Ozorio

econômicos gerados (Jáner et al. no prelo). No ano de 2009, a atividade de ecoturismo gerou uma renda média anual por família de R$ 2.136,00, sendo que o número de famílias participantes foi de 80. De acordo com Peralta (2008), do total da renda gerada pelas unidades domésticas na comunidade de Vila Alencar em 2005, cerca de 55% está ligado à atividade de ecoturismo. A renda anual familiar média na Reserva Mamirauá em 2005 foi de R$ 7.692 (n = 7; DP = R$ 2.410) (Peralta et. al. 2009).

Um impacto positivo da renda gerada através do ecoturismo foi em relação ao fluxo de caixa das famílias ao longo do ano. As comunidades locais habitam um ambiente de várzea e dependem deste ambiente para realizar suas atividades de pesca, agricultura familiar, caça, extração de madeira. No ambiente de várzea da região do médio Solimões há oscilação no nível d'água que pode chegar a 12 metros entre as estações cheia e seca, o que gera impactos nas atividades econômicas tradicionais que sofrem uma oscilação no fluxo de caixa. Como o ecoturismo é uma atividade realizada durante o ano inteiro, para aquelas famílias que se envolvem diretamente com a atividade, há uma diminuição na sazonalidade do fluxo de caixa o que possibilita, por exemplo, o acesso ao crédito para aquisição de bens.



Evolução do número de turistas, receita em US$ e benefícios econômicos gerados para as comunidades em R$.

Foto: Marcos Amend

Além dos benefícios econômicos diretos para prestadores de serviços e vendedores de produtos, a atividade gera também recursos que são apropriados de forma coletiva. Desde 2002 esses recursos são divididos entre as comunidades participantes para investimentos em projetos de desenvolvimento comunitário. Para ter acesso ao valor referente à partilha dos excedentes, cada comunidade elabora um projeto que é analisado, aprovado e monitorado por uma comissão de avaliação formada por lideranças das comunidades. Dentre os projetos implementados estão: a construção de centros comunitários, a compra de rádios de comunicação, a instalação de sistemas de captação de água da chuva, a compra de embarcações comunitárias, etc.

Macaco Uacari-Foto: Luiz Claudio Marigo

"Em 2002 foi o primeiro ano em que houve excedentes financeiros, lucro. Então foi feita uma reunião onde se decidiu o que ia-se fazer com este excedente, e na ocasião ficou decidido que eles iam ser distribuídos 50% para o sistema de fiscalização comunitária da área e 50% para as comunidades envolvidas na atividade, em partes iguais. Porém, para 2003 foi montada uma comissão de avaliação composta por um presidente de cada comunidade e foram criadas normas de conduta porque eles (os comunitários) já não achavam justo que todas as comunidades recebessem valores iguais sendo que o grau de envolvimento, de participação e de acatamento às normas do plano de manejo eram diferentes. Tinha gente que participava mais, tinha gente que participava menos. Então, foram estabelecidas 11 normas: proteção a lagos, não pescar o peixe proibido que é o pirarucu, não pescar em época de defeso, várias normas. E ao longo do ano essa comissão precisa avaliar o cumprimento destas normas. Então se uma comunidade infringe uma destas normas ela é punida, perde pontos. No final do ano eles se reúnem, quando acontece essa reunião de avaliação e planejamento anual onde é apresentado todo o balanço financeiro anual e o que houve de excedentes, então a comissão vai mostrar também a avaliação das comunidades. Desde então, 50% passou a se destinar à fiscalização, e os outros 50% passaram a ser divididos de acordo com a pontuação que essas comunidades recebiam. Foi um aperfeiçoamento do sistema de divisão de excedentes que até hoje acontece."

Rodrigo Ozorio

Comunidade	Total recebido	Projetos de desenvolvimento comunitário aprovados
VILA ALENCAR	R$ 2.999,00	Renovação de barco comunitário
BOCA DO MAMIRAUÁ	R$ 2.999,00	Aquisição de motoserra
		Aquisição de canoa de 7 metros
		Término do centro comunitário
SÍTIO SÃO JOSÉ	R$ 1.500,00	Construção de casa de farinha
CABURINI	R$ 3.427,10	Expansão de centro comunitário
		Implantação de sistema de comunicação via rádio
		Instalação de sistema de captação de água da chuva
JAQUIRI	R$ 2.999,00	Aquisição de materiais para contrução de padaria comunitária
		Construção de centro comunitário
NOVA MACEDÔNIA	R$ 2.571,00	Aquisição de motor 8 HP e canoa de 7 metros
TAPIÍRA	R$ 1.500,00	Construção de centro comunitário
SETOR MAMIRAUÁ	R$ 12.500,00	Aquisição de um barco para o setor Mamirauá

Quadro 1: Destinação dos lucros da Pousada Uacari no ano de 2003.

Como resultado da partilha de excedentes, os moradores iniciaram uma discussão sobre a relação entre a divisão dos benefícios econômicos e a conservação da área. Dessa forma, nasceu uma reflexão sobre que comunidades/indivíduos devem ter acesso aos benefícios gerados pela conservação. Como encaminhamento da discussão foram elaborados critérios para avaliar a atuação das comunidades nas atividades de conservação e atividades político-organizacionais para, assim, decidir como os recursos deveriam ser divididos. Desde então, os recursos passaram a ser divididos de acordo com o nível de participação das comunidades na conservação da área. Um exemplo claro da importância da atividade de ecoturismo na promoção da conservação.

Como os recursos naturais preservados são a base do produto ecoturístico, a sua integridade é a garantia de manutenção de sua atratividade a longo prazo. Em Mamirauá, o sistema de fiscalização e vigilância da área natural recebe além do 50% dos excedentes da atividade de ecoturismo, recursos mensais que financiam parte das suas atividades.

A atividade também contribuiu em termos de fortalecimento da organização comunitária. O Fundo de Desenvolvimento Comunitário possibilitou investimentos locais (como por exemplo, na compra de rádios para comunicação). Embora, a organização para atividades da comunidade possa ter enfraquecido em alguns momentos, a organização do Setor (do conjunto de comunidades) se fortaleceu. Além disso, a associação de trabalhadores de ecoturismo (AAGEMAM) se tornou um importante ator social na área, vinculando sua atuação muitas vezes às ações voltadas para a conservação. Um exemplo disso foi quando em 2004, a Associação decidiu propor ao Setor a re-classificação de uma pequena área de uso sustentável para proteção permanente, por entender que tal área era importante para a reprodução do pirarucu e por esta se localizar dentro da Zona de Manejo do Ecoturismo.

Foto: EduCoelho

"Quando eu cheguei para trabalhar na área de Mamirauá em 99, poucas pessoas se interessavam pelo ecoturismo. Ainda era uma atividade incipiente, estava na fase de atendimento de demanda espontânea. Uma pequena parte da população se envolvia nas reuniões de sensibilização, nos cursos, a maioria ainda não acreditava muito na atividade. A gente tentava explicar como ia ser, quando os ecoturistas iam chegar, o que eles iam querer ver. Foi um trabalho de formiguinha no início porque era uma atividade nova. Até muitos pesquisadores que trabalhavam na unidade de conservação eram contra. A gente tinha que defender a idéia nas reuniões internas, porque muita gente simplesmente não botava fé. Se não houvesse o apoio incondicional do Márcio Ayres e o esforço da Aline Da Rin, talvez a atividade não tivesse sido implantada. Tinha que ter muita paciência, porque as pessoas inventavam estórias para convencer as outras a não participar dos trabalhos. Chegavam a falar que os turistas iam vir para comprar as terras e as pessoas que moravam nela para levar embora. Tinha gente que não queria que ninguém tirasse fotos das plantas porque falavam que as plantas murchavam depois das fotos. Muitos mitos apareceram. Alguns líderes se recusavam a permitir que fizéssemos reuniões em suas comunidades. Hoje em dia o presidente desta comunidade que quase me expulsou de lá dá muita risada desta época quando conta para os outros o episódio. Hoje ele incentiva os moradores a trabalhar e é um dos maiores apoiadores da atividade. O outro agricultor que não queria que as pessoas tirassem fotos dele, virou guia e trabalhou por muito tempo como feirante, coletando os produtos agrícolas nas comunidades para vender à Pousada. Esses dois ficam sempre na minha lembrança como exemplo do caminho longo que percorremos e é por isso que eu falo sempre para os que chegam que é preciso ter paciência e entender toda a história do lugar e de quanto evoluímos em termos de produto, de qualidade, de entendimento, de experiência. Outra crítica que sempre ouvimos é que o projeto não é de base comunitária porque a idéia de implantar o turismo não veio da comunidade. Realmente não veio, mas quem conhece a Amazônia sabe que a atividade de turismo não é uma atividade tradicional, é uma atividade nova, por isso mesmo dificilmente irá partir dos próprios comunitários. De qualquer forma, há que se ter um apoio técnico, a meu ver, porque é uma atividade complexa em um mercado que muitas vezes é internacional. Mas não vejo isso como um ponto negativo, pelo contrário acho que o segredo é essa troca de informações, de conhecimento, experiência. Por outro lado, é preciso lembrar que como em qualquer outro lugar, a sociedade local é dinâmica, então muitas vezes, por questões políticas locais umas pessoas deixam de se envolver, outras começam a se distanciar do trabalho, as vezes a organização enfraquece um pouco. Isso tudo faz parte da dinâmica social. Para quem está analisando a situação pontualmente, para quem não consegue ver o todo, como disse, parece que o trabalho não está progredindo ou tendo sucesso. O que não é verdade, pois basta olhar novamente a situação depois de alguns meses que se vê como já modificou. Então o balanço que eu faço é esse: em primeiro lugar temos que sempre levar em consideração todo caminho percorrido, em segundo lugar temos que avaliar sempre tendo em mente quais eram os objetivos da proposta. Portanto, em termos de conservação e de alternativa econômica, acho que o projeto já pode falar de sucesso no ecoturismo. Claro que não enriqueceu ninguém, mas é sempre uma alternativa para as pessoas que querem permanecer na área e cuidar dela".

Nelissa Peralta

"Eu sempre acreditei naquele trabalho. Eu sempre acreditei naquele ideal que estava embutido ali. Lógico com altos e baixos até hoje. Mas sempre acreditei na idéia de empoderamento das comunidades locais, deles atuarem como autônomos na atividade. O desempenho deles é muito bom em relação à qualidade dos serviços apesar de que nós ainda temos alguns gargalos para superar. Sobre esse bom desempenho, eu não estou falando da boca pra fora porque a gente tem uma análise histórica de dados que prova isso, então eles realmente se profissionalizaram. E além disso fazem com muito amor, com aquela característica que o morador local tem que é uma hospitalidade nata. Apesar de tímido, ele recebe com o coração, está sempre dando um sorriso. Eles sabem superar as dificuldades com uma tranqüilidade que eu me impressiono. Este trabalho tem dado certo. E a relação deles com o turista é muito boa. Os turistas geralmente saem de lá muito contentes de terem participado daquela iniciativa. Ele sente ali que ele não está indo para uma viagem turística qualquer para a Amazônia Brasileira. Ele está participando de forma ativa, de forma direta na conservação. Ele sente que está colaborando com uma iniciativa que tem se organizado ao longo dos anos pra conservar aquela área que já foi uma área muito ameaçada – a várzea é um dos ecossistemas amazônicos mais ameaçados. E os resultados em termos de preservação são visíveis"

Rodrigo Ozorio

Prêmios

Conde Nast Traveller: melhor destino de ecoturismo do mundo em 2003

Smithsonian Magazine e USTOA: prêmio de Turismo Sustentável na categoria Conservação em 2003.

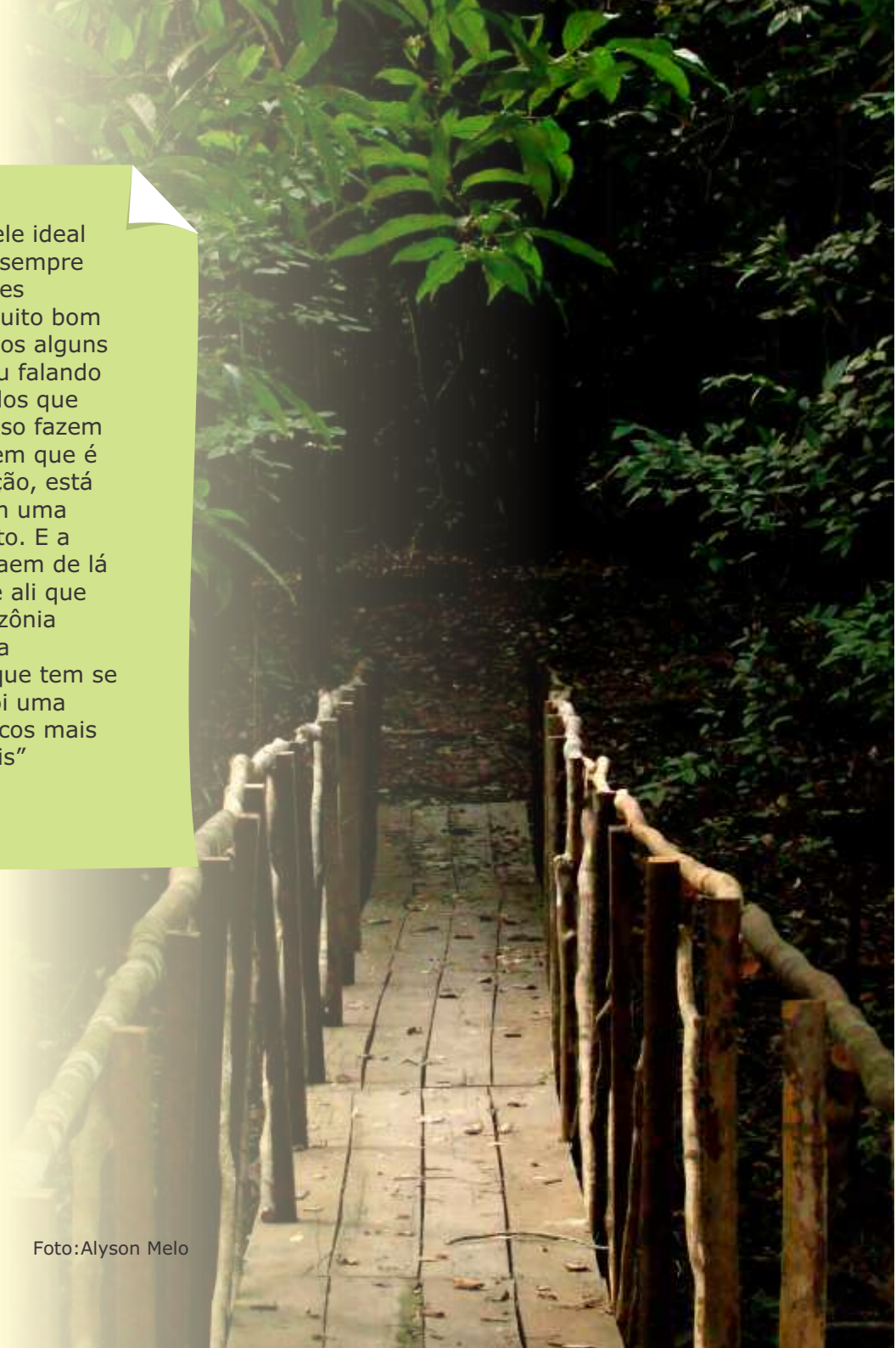


Foto:Alyson Melo

Mídia

Documentário National Geographic: Return to the Amazon

Programa Cidades e soluções

The Guardian
http://www.guardian.co.uk/travel/2009/mar/28/amazon-brazil-green-travel-ecotourism?page=6

NY Times Waters Flooded With Life
http://www.nytimes.com/2003/01/05/travel/waters-flooded-with-life.html?sec=travel&spon=&pagewanted=all

http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u673771.shtml

http://oglobo.globo.com/blogs/romance/posts/2007/01/13/amazonia-iii-mamiraua-46000.asp

http://veja.abril.com.br/290904/p_108.html

http://www.mundosustentavel.com.br/globo150309.asp

http://video.nationalgeographic.com/video/player/environment/habitats-environment/rainforests/mamiraua.html

http://www.mmonline.com.br/noticias.mm?url=Icaro_revela__O_Bom_do_Brasil__em_sua_nova_edicao

http://horizontegeografico.terra.com.br/index.php?acao=exibirMateria&materia[id_materia]=488&edicao[id_edicao]=55

http://www.nytimes.com/2000/01/16/sports/outdoors-casting-catching-eating-in-the-heat.html?scp=2&sq=mamiraua&st=cse

Jornal Hoje:
http://g1.globo.com/jornalhoje/0,,MUL1081105-16022,00-TO+DE+FOLGA+NO+AMAZONAS.html

http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI23714-16365,00-NO+PARAISO+FLUTUANTE.html

Estadão 19 de maio de 2010
http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,a-amazonia-que-nao-esta-no-mapa,553809,0.htm

Desafios

Apesar dos bons resultados alcançados, o ecoturismo em Mamirauá enfrenta também dificuldades e tem desafios importantes a superar. Em 2005, houve uma pesquisa de mestrado (Peralta, 2005) que investigou as mudanças sociais decorrentes da atividade de ecoturismo, entre elas: a diminuição da atividade de agricultura familiar, os conflitos familiares, o enfraquecimento da organização na comunidade.

"O turismo não traz só coisa boa, ele traz coisas ruins também. Então vão surgindo várias coisas por motivo do turismo dentro do grupo, e a gente vai tentando organizar mas nem todas as vezes é do jeito que a gente espera. Eu acho que é um desafio, uma dificuldade hoje como gerente da pousada. Dentro da área o turismo trouxe a falta de organização da comunidade porque além de serem poucas as pessoas de cada comunidade, parte dela foi trabalhar com o turismo. E no momento em que a pessoa sai, falta um pouco da organização da comunidade. De ajudar no mutirão da comunidade, de ajudar na organização da documentação. Então dá uma diminuída. Diminuiu também o trabalho da agricultura familiar. Antes do turismo todo muito trabalhava junto, animado, se ajudava um ao outro dentro da comunidade pra fazer a sua roça e não só a sua individual. Todo mundo se ajudava. Terminava a sua e ia fazer a do outro. Assim a gente tirava o verão pra todo mundo dar conta e na hora da colheita também. Isso também diminuiu, a agricultura. Isto porque teve um incentivo de dizer que o turismo era mais uma das fontes de renda, uma alternativa econômica além da pesca, da agricultura e do artesanato. Ele só é um complemento. Mas mesmo assim as pessoas deixaram de fazer essas outras atividades e tornaram o turismo só uma alternativa econômica."

Ednelza

Foto: EduCoelho

Outro ponto importante diz respeito à associação local, que tem vivenciado problemas de gestão e déficit de participação dos sócios. Parece haver uma dependência da AAGEMAM em algumas lideranças. Quando estas deixam os cargos de diretoria (término de mandato), os seus substitutos não demonstram o mesmo envolvimento e tampouco a capacitação ideal para gerir a associação.

O sistema de rodízio também gera desafios relacionados à padronização da qualidade dos serviços. Quando ele não funciona corretamente, os prestadores ficam muito tempo sem trabalhar e, conseqüentemente, se evidencia uma queda na qualidade dos serviços.

Igualmente, há algumas evidências de conflitos de gênero no seio das famílias participantes e que têm sua raiz na independência econômica das mulheres. Há relatos de brigas e conflitos matrimoniais pelo fato de as mulheres saírem para trabalhar e interagirem em outros grupos sociais. Em muitos casos elas trazem mais renda para a família do que o cônjuge, fato que não é aceito por alguns maridos.

Como todo empreendimento turístico, a pousada Uacari também lida com desafios externos, que escapam da sua capacidade de manejo e intervenção. Em 2006, o aeroporto da cidade de Tefé permaneceu fechado por vários meses devido a problemas de segurança identificados pela ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil). Tal episódio limitou significativamente o acesso à região e impactou de forma considerável a afluência de visitantes à Reserva. Nos dias atuais, o aeroporto opera normalmente e já não existe o risco fechamento. No entanto, apesar dos resultados alentadores, a iniciativa ainda vivencia uma fase de recuperação no que diz respeito ao re-posicionamento no mercado ecoturístico. Além disso, o alto preço das passagens aéreas - uma vez que a rota Manaus-Tefé é operada por uma única companhia - impõe certas limitações econômicas aos visitantes, fato que torna o desafio de bom posicionamento no mercado ainda maior.

Foto:EduCoelho

"No ano passado nós não tivemos excedentes, pois foi decidido investir o recurso na melhoria da infra-estrutura. O ambiente de várzea é um ambiente que acarreta uma forte deterioração da infra-estrutura. É muito diferente você ter uma pousada flutuante do que você ter uma pousada em terra firme. A pousada em estrutura flutuante deteriora mais rápido. A gente está nesse momento numa etapa de investimento para restabelecer a infra-estrutura porque nós notamos uma queda em alguns itens de avaliação da qualidade."

Rodrigo Ozorio

"Outro gargalo é que algumas funções exigem conhecimentos técnicos que essas pessoas não obtiveram através da educação formal delas. Nos últimos anos que tem tido uma presença maior do Estado e algumas pessoas estão conseguindo concluir o ensino básico, o ensino fundamental e médio. Alguns cursos profissionalizantes estão começando a chegar na cidade através do Sebrae, do Senac. Então muitas destas pessoas têm lacunas de conhecimentos técnicos que vão precisar ser supridas para estarem desempenhando, sobretudo as funções gerenciais, as que exigem maior domínio desses conhecimentos. Então a gente está nesse processo. Em relação à parte da comercialização, da administração financeira do empreendimento, a gente está aos poucos envolvendo algumas pessoas nessas atividades para que elas possam ser treinadas. Existe mais esperança atualmente pelo fato de a juventude estar concluindo seus estudos. Eles estão concluindo os estudos em idade boa para ingressar numa Universidade, sem ainda ter constituído família. Já tem uma Universidade local e pública. Então eles podem fazer a Graduação e quem sabe retornar e assumir estes postos que exigem uma qualificação maior. Ainda não aconteceu, mas existe uma esperança de que isso possa acontecer".

Rodrigo Ozorio

Foto: Luiz Claudio Marigo

Considerações Finais

Lições aprendidas

Os resultados sociais, econômicos e ambientais apresentados até agora pelo projeto de ecoturismo em Mamirauá são encorajadores. Na área econômica, os resultados mostram que um produto bem planejado e operado pode atrair ecoturistas e ganhar dinheiro. O ecoturismo também mostrou a sua sinergia com outras atividades econômicas como o artesanato.

Também se mostrou o valor de investir em planejamento: tanto o planejamento inicial (Plano de Manejo e Plano de Negócios) quanto o planejamento anual. O Plano de Negócios ajudou convencer o DFID a investir no programa de ecoturismo (sem este financiamento inicial o lodge não existiria) e ajudou na

Foto: Marcos Amend

concepção do negócio. A avaliação anual é importante para ajustar o rumo com base nos resultados reais e não seria possível sem o monitoramento dos indicadores econômicos, sociais e ambientais. Portanto, é muito importante manter informações atualizadas sobre a operação turística, a satisfação dos visitantes, os impactos ambientais e sociais para que possa haver uma constante avaliação das metas e resultados alcançados para um bom planejamento da operação.
Na área social, ficou claro que as comunidades podem se beneficiar do ecoturismo tanto de forma econômica quanto na valorização da própria Cultura. Mas, a comunidade local deve estar bem organizada para implantar um projeto de ecoturismo em sua área e atenta às mudanças para mitigar aquelas de cunho negativo.

Como o ecoturismo não é uma atividade tradicional, nem todos aderem ao projeto desde o início, mas isso não deve necessariamente servir de entrave no projeto. As comunidades que primeiro aderirem ao programa serão os principais difusores, tanto dos aspectos positivos quanto negativos da atividade.

Na área ambiental, o ecoturismo pode promover a valorização da conservação natureza pelas comunidades locais através da correlação entre a conservação dos recursos naturais e a geração de benefícios econômicos. Além disso, é uma ferramenta educativa para mostrar a importância da pesquisa e da conservação para os visitantes.

Enfim, o desenrolar do ecoturismo de base comunitária da Reserva Mamirauá é uma história de 12 anos que reúne conquistas e sucessos, mas que não está livre de dificuldades e percalços. No entanto, os bons resultados alcançados não deixam dúvidas acerca da prevalência dos efeitos positivos da atividade de ecoturismo, e que esta é, sim, uma boa escolha para aqueles que a conduzem de forma responsável, procurando estabelecer bases sólidas de participação comunitária.

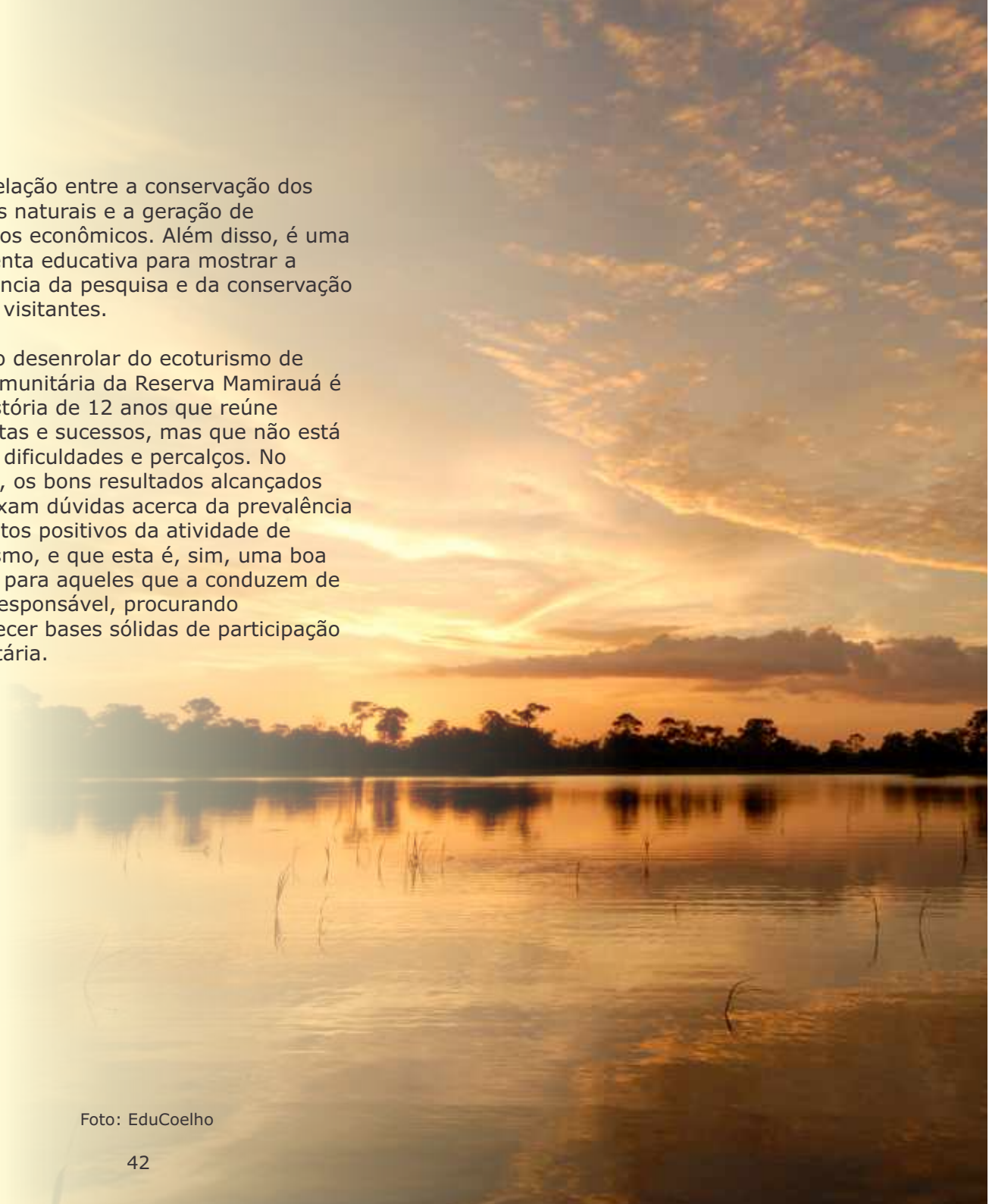


Foto: EduCoelho

A Pousada Uacari hoje

Atualmente a pousada conta com 7 funcionários fixos e os prestadores de serviços (aproximadamente 60) que são vinculados à associação local. Os funcionários são:

- Gerente / Supervisora de alimentos, bebidas e hospedagem
- Supervisor de manutenção e lazer (chefe dos guias locais)
- 2 zeladores
- Responsável por transporte e compras (baseada em Tefé)
- Assistente administrativa
- Gerente de marketing e vendas

Todos são funcionários registrados pela Pousada Uacari, e o escritório em Tefé é uma sala que foi cedida pelo Instituto Mamirauá.

Foto: Marcos Amend

"Eu acredito muito na iniciativa, ela tem mostrado resultados que não dá pra negar que são importantes. Ainda tem desafios grandes para serem superados principalmente com a meta de transferência integral da gestão às comunidades. Eu acredito nisso. Isso é um processo gradual, responsável, porque o produto de ecoturismo de Mamirauá não é um produto simples. Ele é um produto muito complexo e que concorre com a iniciativa privada. Ele concorre num mercado de ecoturismo com muito mais capacidade de investimento, então é um desafio. A localização remota, a dificuldade de acesso, hoje em dia nós estamos com esse monopólio da companhia aérea, então são vários fatores que fazem dele um produto complexo de se administrar. Então ao longo dos anos este tem sido um processo gradual. E o grande objetivo, lógico, que eles assumam integralmente a atividade.

E também a idéia de sonho de iniciar em Amanã. A gente vem trabalhando pra isso. Nós já organizamos um intercâmbio com as comunidades de Amanã com a colaboração dos comunitários da Reserva Mamirauá. Eles propiciaram momentos super importantes para a iniciativa em Amanã. Compartilharam as experiências, as dificuldades que eles tiveram. O pessoal de Amanã pôde ouvir da boca do pessoal de Mamirauá. Então foi um momento muito importante. Eles estão dispostos a ajudar as pessoas da reserva vizinha no processo de capacitação. A idéia é que eles capacitem as comunidades porque eles já fazem isso dentro da equipe. Hoje um curso de guia já é dado pelo supervisor dos guias e assim por diante. Então eles têm plena capacidade de multiplicar a experiência. Então a idéia é ter esta iniciativa lá também e quem sabe atuar de forma conjunta através de um produto conjugado. Estão sendo avaliadas as possibilidades, mas o sonho é ter isso em Amanã também. E transferir o conhecimento que eles adquiriram até hoje para outras iniciativas no Brasil. Por isso a idéia do curso/seminário no ano que vem para estar passando um pouco deste aprendizado, desta história, para outros, para compartilhar a experiência com outras iniciativas também."

Rodrigo Ozorio

"O meu sonho em relação ao grupo é levar todo esse conhecimento, essa organização, para um dia a gente chegar a uma qualidade de vida melhor pra todo mundo. Viver do seu recurso natural ali que é o que a gente tem, mas melhor e mais organizado. Este é o desafio, de continuar lutando. As pessoas lá de fora dão valor para o que a gente tem e a gente não dá valor. Muitas vezes a gente não dá valor ao que a gente tem, continua desrespeitando as normas. Se a gente respeita as normas, a gente vai colher amanhã muito melhor do que a gente está colhendo hoje. O sonho é de ver todo mundo viver do próprio recurso que a gente tem."

Ednelza

"Eu sonho com o dia em que a atividade será totalmente gerida pelas pessoas do local. Sonho com os jovens que conheci ainda crianças assumindo todo esse trabalho de pensar em estratégias, em desenvolvimento do produto, em monitoramento da qualidade dos serviços. Foram dez anos dedicados a esse trabalho e hoje nada me satizfaz mais que ver as pessoas de lá assumindo tudo aos poucos. Mas ainda temos muito a percorrer e eu sonho com as comunidades melhorando as suas condições de vida. Além disso, o sonho é que a experiência sirva de exemplo para a Amazônia e que iniciativas deste tipo se multipliquem. Porque eu acredito no ecoturismo como um exemplo de uma nova economia. Uma economia que valoriza a floresta, que valoriza as pessoas que moram nela, que se preocupa em ser justa na distribuição de benefícios e que gera inclusão."

Nelissa Peralta

Contatos

Autores Contadores de Histórias

NELISSA PERALTA BEZERRA

Natural de São Luiz (MA), Nelissa estudou ciências políticas na Universidade de Gales, Reino Unido, e fez mestrado em planejamento do desenvolvimento sustentável no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da UFPA, hoje é doutoranda em sociologia pela UFMG. Nelissa se mudou para Tefé (AM) em 1999 para atuar na implantação do projeto de ecoturismo, cujas atividades coordenou entre 2001 e 2007. Hoje atua como pesquisadora do Instituto Mamirauá.

RODRIGO ZOMKOWSKI OZORIO

Natural de Campo Grande (MS), Rodrigo cursou Turismo na PUCPR e realizou o mestrado em Gestão Ambiental e Ecoturismo na Universidade da Costa Rica. Após um estágio na Ilha do Cardoso, Rodrigo descobriu o turismo comunitário. Atuou como guia naturalista no Refúgio Ecológico Caiman (Pantanal), e em 2003 se tornou guia naturalista em Mamirauá. Atualmente é pesquisador do Instituto Mamirauá e coordena as ações do Programa de Turismo de Base Comunitária.

EDNELZA MARTINS DA SILVA

Nasceu na comunidade de Vila Alencar (Alvarães, AM), quinta filha (de um total de 11) de agricultores e pescadores. Passou a infância trabalhando na roça e brincando de roda e de bola nas noites de luar. Foi uma das fundadoras do Grupo de mulheres artesãs da Vila Alencar. Iniciou o seu envolvimento com o turismo desempenhando a função de cozinheira. Atualmente é gerente da Pousada Uacari.

Pousada Uacari – Reserva Mamirauá
www.uakarilodge.com.br
e-mail ecoturismo@mamiraua.org.br
Tel. (97) 3343 4160
(Rodrigo Ozório, Escritório Tefé)

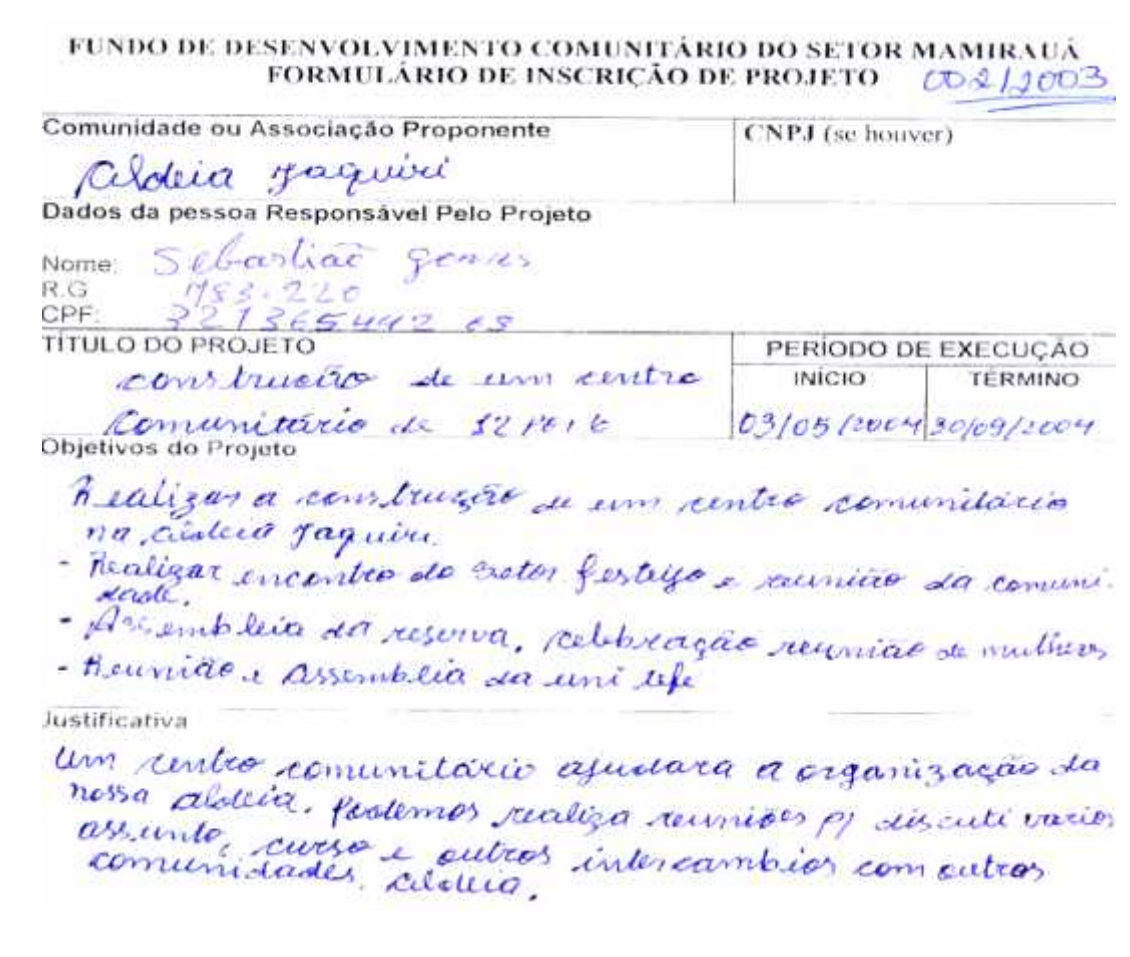
Créditos

Esta publicação é uma adaptação do artigo citado abaixo:
Peralta, N. Implantação do Programa de Ecoturismo na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Amazonas, Brasil. OLAM – Ciência e Tecnologia. Vol.2. No. 2. p. 169 – 193. Rio Claro: Aleph. 2002.

Anexo 1:
Normas de conduta estabelecidas pelas comunidades participantes.

1.Participação das comunidades nos encontros de Setor;
2.Participação ativa das comunidades, nas atividades realizadas pelo setor, como: encontro de mulheres, encontros religiosos, preparação da Assembléia Geral dos Moradores e Usuários da RDSM, contribuição em alimentação nos encontros de Setor;
3.Participação das comunidades na fiscalização, através de denúncias;
4.Participação das comunidades na fiscalização, com a atuação de um comunitário voluntário, por comunidade, quando for solicitado pelos Agentes Ambientais Voluntários e Guarda-Parques do Setor;
5.As comunidades não devem fazer uso dos recursos naturais da área que vai do Pagão até o Flutuante de Pesquisa do Projeto Boto [área próxima à Pousada Uacari, transformada em área de proteção integral];
6.Respeito ao defeso e aos tamanhos dos peixes;
7.Respeito ao peixe proibido: pirarucu;
8.Bom atendimento aos ecoturistas nas comunidades;
9.A comunidade não pode receber turistas clandestinos;
10.Maior envolvimento das comunidades nos trabalhos do ecoturismo;
11.As comunidades devem seguir as normas da política de ocupação do Setor.

Anexo 2:
Exemplo de projeto apresentado à comissão de avaliação. Ano 2004



FUNDO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DO SETOR MAMIRAUÁ
FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DE PROJETO 002/2003

Comunidade ou Associação Proponente	CNPJ (se houver)
Aldeia Jaquiri	

Dados da pessoa Responsável Pelo Projeto

Nome: Sebastião Gomes
R.G 783.220
CPF: 321365442 03

TÍTULO DO PROJETO	PERÍODO DE EXECUÇÃO	
	INÍCIO	TÉRMINO
construção de um centro comunitário de 12 pe/6	03/05/2004	30/09/2004

Objetivos do Projeto

Realizar a construção de um centro comunitário na Aldeia Jaquiri.
- Realizar encontro do setor festejo e reunião da comunidade.
- Assembleia da reserva, celebração reunião de mulheres
- Reunião e Assembleia da uni tefe

Justificativa

Um centro comunitário ajudara a organização da nossa aldeia. Podemos realiza reuniões p/ discuti varios assunto, curso e outros intercambios com outras comunidades. Aldeia.